

“Flutua, não afunda”: Freud e Psicanálise no Brasil nos periódicos *O Cruzeiro* e *Revista da Semana* nas décadas de 1920 e 1930

Leslye Bombonato Ursini*

Resumo

Nos seus primeiros tempos de divulgação e de difusão no Brasil, a Psicanálise era assunto restrito ao meio acadêmico e em especial à Medicina e à Psiquiatria. Entre as décadas de 1920 e 1930, a Psicanálise esteve estampada nas páginas das revistas periódicas **O Cruzeiro** e **Revista da Semana** e foi exposta e divulgada para um público amplo, o leitor comum. Nas revistas, a Psicanálise apareceu atrelada à Psiquiatria, ou como necessária à criminologia, como coadjuvante em tratamentos médicos diversos, como brincadeiras de interpretações dos sonhos e, também, a Psicanálise apareceu em mera menção em textos como se os atualizasse à nova "moda". Temas latentes na sociedade, naquela época, foram associados ao assunto da Psicanálise ou abordados junto com ela: a eugenia, a raça, o caráter moral e hereditário, a virgindade, o casamento e a infidelidade, a educação dos filhos, a educação sexual nas escolas, o feminicídio e outros assuntos. Em termos de controle da índole dos Sujeitos e a fim de desenhar uma identidade nacional, foi feito algum uso político da Psicanálise por meio da divulgação da importância da educação sexual ligada à higienização moral. Alguns dos efeitos possíveis da circulação do assunto da Psicanálise naquelas revistas foram dissociar o tratamento psicanalítico do tratamento da loucura e familiarizar o leitor comum com o vocabulário da Psicanálise e com o nome de Freud.

Abstract

“Fluctuates not sink”: Freud and Psychoanalysis in Brazil in the periodicals *O Cruzeiro* and *Revista da Semana* in the 1920s and 1930s — In its early days of dissemination and diffusion, Psychoanalysis in Brazil was a subject restricted to the academic environment and especially to Medicine and Psychiatry. Between the 1920s and 1930s, Psychoanalysis was impressed on the pages of the periodical magazines **O Cruzeiro** and **Revista da Semana** and was exposed and disseminated to a broad audience, the common reader. In magazines, Psychoanalysis appeared linked to Psychiatry, or as necessary to criminology, as an adjunct in various medical treatments, or as dream interpretation games and, also, Psychoanalysis appeared in mere mention in texts as if updating them to the new "fashion". Latent themes in society, at that time, were associated with the subject of Psychoanalysis or approached along with it: eugenics, race, moral and hereditary character, virginity, marriage and infidelity, education of children, sex education in schools, femicide and other issues. In terms of controlling the nature of the Subjects and in order to design a national identity, some political use was made of Psychoanalysis through the dissemination of the importance of sex education linked to moral hygiene. Some of the possible effects of the circulation of the subject of Psychoanalysis in those magazines were to dissociate psychoanalytic treatment from the treatment of madness and to familiarize the common reader with the vocabulary of Psychoanalysis and with the name of Freud.

Résumé

“Il est battu par les flots, mais ne sombre pas”: Freud et la psychanalyse au Brésil dans les périodiques **O Cruzeiro** et **Revista da Semana** dans les années 1920 et 1930 — À ses débuts de diffusion et de diffusion au Brésil, la psychanalyse était un sujet réservé au milieu universitaire et en particulier à la médecine et à la psychiatrie. Entre les années 1920 et 1930, la psychanalyse a été présentée sur les pages des revues périodiques **O Cruzeiro** et **Revista da Semana** et a été exposée et diffusée à un large public, le lecteur commun. Dans les magazines, la Psychanalyse est apparue liée à la Psychiatrie, ou comme nécessaire à la criminologie, en complément de divers traitements médicaux, , est apparue sous la forme de blagues sur l'interprétation des rêves et, aussi, la Psychanalyse est apparue en simple

* Antropóloga doutora pela Unicamp. Psicanalista. Especialização em Psicanálise (FAEPI). Artigo de revisão apresentado como requisito parcial à conclusão da Formação e Pós-graduação em Psicanálise - Faculdade de Educação do Piauí (FAEPI) / Escola Freudiana de Psicanálise de Teresina.

mention dans les textes comme si elle les mettait à jour à la nouvelle "mode". Des thèmes latents dans la société de l'époque étaient associés au sujet de la psychanalyse: l'eugénisme et la race, le caractère moral et héréditaire, le virginité, le mariage et l'infidélité, l'éducation des enfants, l'éducation sexuelle à l'école, le fémicide et autres problèmes. En termes de contrôle de la nature des sujets et afin de concevoir une identité nationale, une certaine utilisation politique a été faite de la psychanalyse à travers la diffusion de l'importance de l'éducation sexuelle liée à l'hygiène morale. Certains des effets possibles de la circulation du sujet de la Psychanalyse dans ces revues ont été de dissocier le traitement psychanalytique du traitement de la folie et de familiariser le lecteur commun avec le vocabulaire de la Psychanalyse et avec le nom de Freud.

Introdução

O lema *Fluctuat nec mergitur*, “Flutua, não afunda”, está no brasão da cidade de Paris, logo abaixo da figura de uma embarcação nas ondas. É a Paris da Idade Média com a vida às voltas do rio Sena e de economia mercantil: as ondas que sacodem nada afundam. Por ocasião dos ataques terroristas em série ocorridos em Paris, em novembro de 2015, aquele lema foi ressignificado.

Em 1914, em versões com modificações feitas até 1924, Freud escreveu **Contribuição à história do movimento psicanalítico** e o primeiro capítulo tem a epígrafe *Fluctuat nec mergitur*. Nele, Freud repassa os seus avanços com a Psicanálise e, nisso, Freud pontua as críticas dirigidas à Psicanálise e a si próprio. Freud revê a sua fala na conferência de 1909, na América do Norte, em sua primeira fala pública sobre a Psicanálise quando ele mesmo atribuíra a Joseph Breuer a criação da Psicanálise e, então, corrige em 1914: não era Breuer o criador, como afirmara naquela conferência, mas ele próprio, Freud, pois “as críticas e as injúrias” à Psicanálise não caem sobre Breuer, senão sobre “a minha cabeça”, diz ele (FREUD, [1914] 1965).

Em linhas gerais, podemos apreender a Psicanálise proporcionada e construída pelas mãos de Freud como um meio para a cura do sofrimento Humano na busca para que a pulsão esteja em harmonia com o Ego. A técnica analítica se ocupa — na própria “prática analítica da cura” — dos efeitos que acompanham o sujeito até a vida adulta, das inscrições e engendramentos de um homem e de uma mulher em Sujeitos, “desde o nascimento até a liquidação do Édipo”. O Inconsciente e os seus efeitos, portanto, são o objeto e o fundamento da Psicanálise, de acordo com Louis Althusser, não a cura (ALTHUSSER, 1985, pp. 61-62).

Existe, entre outras, a questão da institucionalização da Psicanálise e o “fechamento institucional” que a International Psychoanalytical Association — IPA, fundada em 1910, promoveu ao se constituir como uma instância burocrática e reguladora, tanto da formação de psicanalistas quanto da prática da psicanálise em âmbito mundial, levou a cisões¹. Quanto à exigência da IPA do diploma de Medicina, Freud se posicionou desfavoravelmente, reafirmando não se tratar de uma questão de diploma, senão da experimentação do próprio Inconsciente do analista em análise, além dos conhecimentos teóricos para o exercício da Psicanálise (GUERINI & COSTA, 2019, p. 15). A recusa da IPA da chamada “análise leiga” tenderia a transformar os psicanalistas em “especialistas executores” em atuação coadjuvante aos médicos, o que foi apontado por Lacan, conforme observaram Guerini e Costa. Também, os

¹ a International Psychoanalysis Association—IPA surge no II Congresso de Psicanálise, acontecido em Nuremberg em 1910, Jung, já rompido com Freud, será o primeiro presidente da IPA e Otto Rank secretário. De acordo com Guerini e Costa, eram um católico e um ariano para desdizerem que a Psicanálise fosse uma ciência judaica (GUERINI & COSTA, 2019, p. 14).

psicanalistas norte-americanos ligados à IPA criticaram a noção de “pulsão de morte”, o que representava, segundo Guerini e Costa, a negação da Psicanálise em si (*ibidem*).

A transmissão da Psicanálise e o seu ensino em universidades é outro tema recorrente. A questão paira, ao menos, na diferença entre o estudo “sobre a psicanálise” e a “prática” na formação do analista. A IPA vedava a formação de psicólogos psicanalistas e Ana Cristina Figueiredo (FIGUEIREDO, 2008) nos conta como a Pontifícia Universidade Católica no Rio de Janeiro, na década de 1960, buscou formar “profissionais psicanalíticos” que, no entanto, não eram reconhecidos como psicanalistas naquela época. Na atualidade, a transmissão em Psicanálise é acessada por todos os interessados com formações em diversas áreas e disciplinas².

De quantas críticas ou questionamentos — as sacudidas — tenham sido dirigidos à Psicanálise, a Freud, aos discípulos e aos antagonistas de Freud e, também, a outros psicanalistas e teóricos, não teremos em conta aqui. Porém, como no lema, elas teriam sido insuficientemente capazes de aplacar a Psicanálise até os dias atuais. Essas mesmas questões — as divergências, as apropriações escusas e, inclusive os questionamentos quanto ao que é a Psicanálise e qual o seu objeto — alimentaram a própria Psicanálise, especialmente depois de 1909, se pudermos entender a conferência de Freud nos Estados Unidos como um marco simbólico da territorialização da Psicanálise para além de Viena.

Nas décadas de 1920 e de 1930, enquanto no âmbito internacional e sob diversos aspectos, a Psicanálise estava em gestação-aprimoramento por parte de Freud e dos seus seguidores e antagonistas, no Brasil, a Psicanálise será apropriada por toda uma geração de psiquiatras, entre as décadas de 1910 e 1940, segundo Rafael Dias de Castro, em tentativas de respostas à identidade nacional (CASTRO, 2015, p. 1453). É em meio a essa gestação que a Psicanálise começa a ser difundida e tem disseminada a sua prática em terras brasileiras no eixo Rio de Janeiro—São Paulo, em uma época, como observei em outra parte (URSINI, 2000), quando o imaginário civilizado expresso nas páginas d'**O Cruzeiro** titubeava entre a França e os Estados Unidos, entre o *flanêur* e o *sportsman* em um Brasil recém-saído formalmente do período da escravidão e mergulhado nas ideias de eugenia e de modernização, com a dura fórmula de que tais ideias seriam interdependentes.

Este artigo aborda um período subsequente ao início dos estudos em Psicanálise e de Freud no Brasil, após a publicação, no Brasil, da primeira dissertação sobre Psicanálise em 1914, de Genserico de Souza Pinto. O objetivo deste artigo é trazer um olhar acerca da circulação de algumas noções da Psicanálise por meio de duas das revistas periódicas mais proeminentes naquele período no Brasil, a revista **O Cruzeiro** e a **Revista da Semana**, com a finalidade de mostrar que a Psicanálise aparecia de diversas maneiras e em contextos variados para um público ampliado nas páginas das revistas, enquanto era difundida em círculos restritos ao meio acadêmico.

Para tanto, foram consultados os acervos digitais das revistas **O Cruzeiro** e **Revista da Semana**³ disponíveis na hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro como uma maneira de demonstrar a amplitude de assuntos aos quais o tem Para olhar o assunto da Psicanálise nas revistas, é necessário um esforço diferente: não

² Na página da Sociedade Brasileira de Psicanálise—SBP, na Rede Mundial de Computadores, para a formação em Psicanálise consta que: a “formação psicanalítica é oferecida a médicos e psicólogos graduados, registrados nos respectivos Conselhos Regionais” e a “aceitação de profissionais graduados em outras áreas do conhecimento humano ficará a critério da Comissão de Ensino” (em <https://www.sbpsp.org.br/formacao-psicanalitica/formacao/#conteudo>, acessado em 05/01/2022).

³ Utilizei o termo de busca “psychanalyse” para ampliar as buscas além das menções exclusivamente a Freud e discípulos ou críticos (que o sistema lê, também, como “frevo”). De forma que o material analisado traz as vezes em que a Psicanálise aparece referida, mas não todas as ocasiões em que tenha sido abordada ou mesmo aludida nas páginas das revistas.

se discutirá a análise leiga praticada por profissionais que não eram médicos, mas se tratará de um público amplo que toma contato com o assunto da Psicanálise nas páginas das revistas. Quem eram esses leitores e leitoras? Os resultados imediatos são o vislumbre de outros atores, autores a falarem de Psicanálise e as noções de Psicanálise impressas e divulgadas nas revistas tendo como um primeiro — e benéfico, — efeito o distanciamento da imagem da Psicanálise do “tratamento de loucos”.

1 Psicanálise e seu campo nas suas primeiras décadas no Brasil

Se pudermos indicar o ano de 1914 — com a publicação da dissertação em Medicina intitulada **Da Psicoanalise: a sexualidade das nevroses** (1914), do cearense Genserico de Souza Pinto — como uma data para a instauração do campo da Psicanálise no País, não poderemos desconsiderar os esforços coletivos anteriores que o engendraram.

Em 1899, no Brasil, os artigos de Freud são citados em conferências pela primeira vez por Juliano Moreira (1872-1933), negro e fundador da disciplina psiquiátrica no Brasil, o qual era professor na Faculdade de Medicina da Bahia (JACOBINA, 2014; CARRARA, 1996). Entre os precursores e pioneiros⁴ da Psicanálise no Brasil estão: o citado Juliano Moreira (Salvador e Rio de Janeiro), médico; Genserico de Souza Pinto (Ceará), médico, autor da já mencionada acima dissertação em 1914; Francisco Franco da Rocha⁵ (São Paulo), médico e autor da obra **A doutrina pansexualista de Freud**, 1920; João César de Castro⁶ (Rio Grande do Sul), com a tese **Concepção freudiana das psico-nevroses**, 1924⁷; Durval Bellegarde Marcondes (São Paulo), psiquiatra e psicanalista, formado pela Faculdade de Medicina de São Paulo, viveu entre 1899 e 1981; Júlio Pires Porto Carrero, médico-militar, estudioso do alemão e inicia a clínica, no ano de 1923, em Psicanálise na Liga Brasileira de Higiene Mental (OLIVEIRA, 2002; SALIM, 2010; CARRARA, 1996, p. 161); Nise da Silveira, alagoana nascida em Maceió em 1905, estudou na Bahia e foi médica psiquiatra com trajetória marcada pelo “franco desacordo com o modo como eram tratados os esquizofrênicos asilados”, foi ela “uma inovadora nas técnicas de devolver a palavra aos 'loucos', de escutar a sua fala, de oferecer-lhes uma outra linguagem na qual se expressar - a das imagens” (CORRÊA, 2000); Arthur Ramos, referendado pela escola da Bahia, foi médico psiquiatra, antropólogo e folclorista, nascido em Pilar, no Estado de Alagoas em 1903, esteve interessado em estudar a loucura a partir da Psicanálise. Ligado à Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia. Arthur Ramos, em 1929, propôs a orientação das discussões naquela Sociedade para o controle “dos assuntos referentes à Psicanálise”, o que fez daquela Sociedade a “representante oficial da Psicanálise junto à SBP” (MENEZES, 2014, p. 92).

A Sociedade Brasileira de Psicanálise—SBP foi fundada, em São Paulo em 24 de outubro de 1927, por Franco da Rocha e Durval Marcondes e foi a primeira sociedade psicanalítica na América Latina (JUNQUEIRA FILHO, 2000), tendo como seu presidente Francisco Franco da Rocha e como secretário Durval Marcondes; todos os discípulos

⁴ Sebastião Abrão Salim (SALIM, 2010) faz a diferenciação entre *pioneiros* e *precursores* da Psicanálise no Brasil: os pioneiros interessados, logo de início no seu percurso, pela prática clínica e os precursores pelas questões teóricas (*idem*). Entendo que essa distinção entre os esforços prático e teórico, identificada por Salim, se possa referir ao início da história da Psicanálise no Brasil.

⁵ Franco da Rocha era psiquiatra e nunca exerceu a Psicanálise. Com Durval Marcondes, fundou a primeira sociedade psicanalítica brasileira, a Sociedade Brasileira de Psicanálise —SBP, em São Paulo. Franco da Rocha escreveu **O pansexualismo na doutrina de Freud**, Typografia Brasil de Rotschild que, publicado em 1920, teve grande sucesso (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 664).

⁶ João César de Castro e Martin Gomes foram precursores da Psicanálise em Porto Alegre, cujo movimento foi simultâneo ao Rio de Janeiro e a São Paulo, de acordo com Salim (SALIM, 2010), tendo os pioneiros se formado na Associação Psicanalítica Argentina.

⁷ Foram essas três as primeiras publicações acadêmicas, com base nas teorias de Freud, sem repercussão expressiva no meio acadêmico ou cultural (SALIM, 2010).

de Juliano Moreira se tornaram membros da SBP (SALIM, 2010, p. 3). Para a fundação da SBP, Durval Marcondes reuniu médicos, artistas, educadores, escritores. Entre os nomes estavam: Franco da Rocha, que havia sido professor de Marcondes, Pedro de Alcântara Machado e Menotti Del Picchia. Em 1951, a SBP foi cancelada pela International Psychoanalytic Association—IPA (MENEZES, 2014, p. 92).

Nesse período de instauração do campo da Psicanálise no Brasil e da sua institucionalização, a Psicanálise andou próxima ou a partir da Psiquiatria e, de qualquer maneira, havia alguma confusão entre ambas que, depois, se dissipou; além do discurso higienista que imbuía a Psicanálise no Brasil naquele período (COUTO & SILVA, 2018, p. 3). O método psicanalítico, entre as décadas de 1920 e 1930, era utilizado “como mais um entre as técnicas de tratamento da psiquiatria”, observa Maria Odete Menezes (MENEZES, 2014). As intervenções no corpo dos pacientes (choques insulínicos e cardiológicos, eletroconvulsoterapia) estavam na base da terapêutica da Psiquiatria com a relação médico-paciente ancorada na contenção e no asilamento. Já na Psicanálise, em contrário, a base terapêutica era a própria relação médico-paciente. Diversos médicos psiquiatras, como Arthur Ramos, sugeriram a aplicação de ambas as técnicas (a laborterapia, a endocrinoterapia e a choqueterapia juntamente com a Psicanálise) “enquanto buscavam uma compreensão e aplicação do método psicanalítico” (MENEZES, 2014, p. 95). Resta que a maior parte dos praticantes da Psicanálise, os médicos, não se submetiam à análise naquela época.

Afrânio Peixoto⁸, em 1918, introduziu as teses de Freud no seu curso de psiquiatria médico-legal ministrado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Porém, o fez a partir de autores franceses, divulgando a Psicanálise em seus próprios estudos sem incorporá-la de todo nas suas clínicas, como o fazia a maior parte dos médicos que se aproximaram das teorias de Freud (OLIVEIRA, 2002, p. 138)⁹. Tanto o estudo da Psicanálise pelo viés francês quanto o pouco conhecimento do alemão, no Brasil, foram apontados respectivamente por Medeiros de Albuquerque, em 1922, e por Franco da Rocha, em 1920, como obstáculos à difusão da Psicanálise no Brasil (OLIVEIRA, 2002, pp. 137-138).

Por outro lado, os estudiosos de Freud, no Brasil à altura de 1914, costumeiramente o traduziam do alemão (NOGUEIRA, 2014, p. 15). Podemos entender se depreender das observações de Medeiros e Albuquerque¹⁰ e de Franco da Rocha que tantos outros interessados e estudiosos em Psicanálise não acessavam outros idiomas ou em especial o alemão, o que pode ter influenciado sobremaneira na efetiva disseminação da Psicanálise no Brasil. A primeira tradução de Freud para a publicação em português aconteceu em 1931 (OLIVEIRA, 2002, p. 138); foram as **Cinco lições de Psicanálise**¹¹, em tradução feita por Durval Marcondes e José Barbosa Corrêa (BOTMANN, 2013, p. 160).

⁸ Afrânio Peixoto (1876-1947), se formou na Faculdade de Medicina da Bahia, foi discípulo de Raimundo Nina Rodrigues. No Rio de Janeiro, trabalhou no Hospital Nacional de Alienados com Juliano Moreira e, também, participou da Liga Brasileira de Higiene Mental.

⁹ Figueiredo, na observação da discrepância entre a divulgação das teorias de Freud em estudos e a sua não adoção nas clínicas por parte dos estudiosos, se apoia em Jane Russo (RUSSO, 1998).

¹⁰ Medeiros e Albuquerque (José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque) viveu entre 1867 e 1934. Em 1924, publicou *Os testes*, em 1926, *O hipnotismo*, do que era adepto e divulgador, publicando artigos no *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*. Recife, estudou em Portugal e, retornado ao Brasil, estudou com Emilio Goeldi e Silvio Romero; foi literato, professor, jornalista e diretor de vários jornais, foi deputado federal, ocupou a cadeira 22 da Academia Brasileira de Letras, autor da primeira reforma ortográfica da língua portuguesa no Brasil e autor do *Hino da República*. Interessado em Psicologia, fundou o primeiro laboratório de Psicologia experimental no país (BIBLIOTECA VIRTUAL DE PSICOLOGIA - BRASIL, s.d.).

¹¹ Uma primeira tentativa fora feita em 1926 com a publicação de algumas páginas, por iniciativa do médico Iago Pimentel, na *Revista* (BOTMANN, 2013, p. 159). Fundada por Carlos Drummond, Emilio Moura, Francisco Martins de Almeida e Gregoriano Canedo; com a direção de Francisco Martins de Almeida e Drummond; e entre redatores e colaboradores: Pedro Nava, Emilio Moura, Gregoriano Canedo, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, João Alphonsus, Abgar Renault, Ronald de Carvalho e outros. Era editada em Belo Horizonte e não ultrapassou a três números, sendo o último número em janeiro de 1926, onde consta “Sobre a Psycho-analyse, S. Freud”.

A questão do idioma não se restringia somente ao maior ou menor acesso à teoria freudiana no original em alemão. A língua francesa, mais acessível, trazia o enviesamento francês que rechaçava o pansexualismo de Freud e a palavra “pansexualismo” possuía um sentido negativo na Europa, ao passo que no Brasil não (PLOTKIN, 2009, p. 67). Julio Pires Porto Carrero, em correspondência a Arthur Ramos, em 3 de janeiro de 1932, procura acertar a tradução dos termos psicanalíticos na obra de Freud com a finalidade de estatizar tais termos na SBP para o segundo número da **Revista Brasileira de Psychanalyse – Órgão da Sociedade Brasileira de Psychanalyse**¹², que não chegou a ser publicado:

Devo dizer-lhe com franqueza que me repugna muito o “transferir”, pois que “transferência” traduz bem “Übertragung”. Outro termo, que na nossa nomenclatura recebeu tradução diversa da que a psicanálise emprega, é “trieb”. Traduzimo-la por “impulso”. O francês possui apenas “impulsion” e “poussé”, aquela já empregada para significar a impulsão mórbida dos neuróticos coactos [neurose obsessiva], esta com o significado de “surto” ou “empuxo”; essa é a razão, parece-me, por que adotaram os franceses o neologismo “pulsion”; quanto a nós, porém, não estamos nesse impasse: de “treiben”, impeliu, “triebe”, impulso. Evidentemente, traduzir por instinto seria imprudente. Não sei se lhe agradará a nomenclatura da Sociedade; gostaria de ter o seu juízo. (Porto Carrero em carta a Arthur Ramos, 03/01/1932); transcrito em Rafael Dias de Castro (CASTRO, 2015, p. 1457).

Antes, em 1914, havia sido publicado o primeiro livro sobre Psicanálise na França e a partir dele muito dos interessados em Psicanálise tomaram contato com os conceitos de Freud. Intitulado **La psychoanalyse des névroses et des psychoses**, de Angelo Hesnard e Emmanuel Régis, com a tradução para o português publicada em 1923 — antes da tradução das **Cinco lições...** —, a obra apontava para uma latinização da Psicanálise em detrimento das doutrinas germânicas (*ibidem*). No Brasil, segundo Plotkin, os médicos foram mais receptivos e, em contrário aos médicos argentinos, o tema da sexualidade recebeu relevo porque a Psicanálise substituíra, de alguma maneira, outras teorias que possuíam a sexualidade em seu centro; dito de outra forma, “los brasileños enfatizaban lo que los argentinos reprimían” (PLOTKIN, 2009, p. 67).

2 Novidade e mudança

O Movimento Modernista de 1922 se voltava para um nacionalismo “de raiz”, valorizando a língua falada, a gente e os costumes no Brasil, moderno e tradicional poderiam estar misturados.

Sendo as revistas, os folhetins e os jornais os únicos meio de comunicação e o rádio surgindo em 1922, temos que o público leitor, como apontou Souza (SOUZA, 2006), contava com a mídia impressa e o alcance da circulação dos impressos definiria o público leitor, dentre os quais, aqueles que soubesse ler. A abundância de fotografias

¹² O primeiro número da revista brasileira de psicanálise data de junho de 1928 e foi uma iniciativa de Durval Marcondes, cujo sumário contém: Junho de 1928 - “A psicologia de Freud”, por Franco da Rocha; “Os mitos e lendas na loucura”, Franco da Rocha; “Os nossos medos secretos”, J. Ralph; “O caráter do escolar segundo a psicanálise”, Júlio Pires Porto Carrero; “Um ‘sonho de exame’. Considerações sobre a ‘Casa de Pensão’ de Aluizio Azevedo”; “Brutos. Considerações psicanalíticas em torno de um facto histórico”; e “Noticiário”. A finalidade da publicação era a de difundir a Psicanálise no meio intelectual e um segundo número chegou a ser gestado, mas não publicado. De acordo com Marfinati e Abrão, após a única edição da revista em 1928; a sua edição voltou a acontecer em 1967 e, em 1975, a Sociedade Brasileira de Psicanálise—SBP de São Paulo passou os direitos da revista para a Associação Brasileira de Psicanálise—ABP para fins de divulgação e sendo publicada até a atualidade (MARFINATI & ABRÃO, 2021).

revistas **O Cruzeiro** e **Revista da Semana**, na voga da fotorreportagem à época, pode ter ampliado o público das revistas, como indicou Ursini para **O Cruzeiro**. Pelas páginas d'**O Cruzeiro**, a narrativa era a recomendação de que o tradicional-velho deveria ser abandonado, ao mesmo tempo em que reafirma os valores morais tradicionais de forma sistemática (URSINI, 2000).

A revista **O Cruzeiro**, quando surge em 1928, se anuncia como nova, embora não seja tão diferente da **Revista da Semana**, editada desde 1901, as olhando de longe na distância dos anos e, também. **O Cruzeiro** explorou os hábitos da gente do Rio e, talvez, a novidade d'**O Cruzeiro** estivesse no contraste que os leitores pudessem estabelecer entre a vida da gente do Rio estampada naquelas revistas e as suas próprias. Ao menos **O Cruzeiro**, que trazia a novidade do corpo à mostra nas praias e o hábito de se frequentar praias, que antes eram frequentadas para banhos terapêuticos ou pelos “capoeiras” em prática ilícita de jogarem a capoeira, poderia estabelecer algum contraste com o leitor mesmo que ele vivesse no Rio de Janeiro, pois o que a revista pretendia trazer foi a novidade nos costumes, como se sua mudança fosse inevitável junto com o crescimento das cidades, em especial o Rio de Janeiro e São Paulo, com os “edifícios” e os “arranha-céus” que de seis passam a doze andares ou mais, como o Edifício Martinelli¹³ inaugurado em São Paulo em 1929; a arquitetura do “cimento armado” e uma verdadeira celebração da urbes e dos seus equipamentos estão entre as novidades trazidas n'**O Cruzeiro** (URSINI, 2000). Ambas as revistas levam os assunto do Rio de Janeiro em suas páginas. A **Revista da Semana** circulava no Rio de Janeiro, já o **O Cruzeiro**, onde conseguisse chegar na sua circulação nacional.

Na cena política, a mudança era contra a oligarquia em proveito de um Estado moderno, capaz de desenvolver suas forças produtivas. Getúlio Vargas assume o poder por meio do golpe em 1930, o seu Governo Provisório, até a Constituição de 1934, já trazia as preocupações com alguns dos princípios da Administração Pública tidos na atualidade¹⁴: a eficiência, a economicidade e a impessoalidade. Outras medidas foram continuadas na Constituição de 1937 no sentido do mérito do agente público com o bojetivo do mérito da técnica sobre as motivações políticas de caráter e inrteresses privados. O Estado transitou de uma política oligárquica para autoritária no período de 1930 a 1940 com Vargas, a Administração Pública passou do patrimonialismo para se tornar burocrática inspirada em princípios weberianos, a sociedade passou de mercantil-senhorial para começar a se tornar capitalista-industrial, segundo classificação de Bresser-Pereira. Nada foi tão simples ou bem-sucedido: a inspiração em Max Weber desconsiderava o caráter tradicional e patrimonial do Estado brasileiro; a reforma burocrática, em 1936, foi tardia e já era urgente a reforma gerencial, só tornada possível mais recentemente com a democracia mais tarce, já em tempos de globalização (BRESSER-PEREIRA, 2001).

A Psicanálise abordada nas páginas das revistas compõe esse clima que se pretendeu de novidade para tão logo nela ser vislumbrada alguma tentativa de controle sobre a moral, os costumes e índoles confundidas com institnto.

¹³ Planejado com doze andares e inaugurado em 1929, na cidade de São Paulo, depois, continuou a ser elevado a trinta andares.

¹⁴ No artigo 37 da Constituição Federal de 1988, vigente, e no artigo 2º da Lei nº 9.784 de 1999.

3 Nas páginas d'O Cruzeiro e da Revista da Semana

A **Revista da Semana** circulou entre 1900 e 1959¹⁵. Nos seus primeiros anos, a revista era dedicada à figura masculina e, em 1915 — depois de ser vendida a três compradores¹⁶, entre eles Carlos Malheiro Dias quem, mais tarde, fundou a revista **O Cruzeiro** (URSINI, 2000) —, passou a trazer a imagem feminina. A mudança editorial migra dos políticos, cientistas, criminosos, médicos para as atrizes, o riso, a educação, a higiene, a saúde, os conselhos, a amabilidade, a “moça moderna”, o casamento e toda uma sorte de temas repousados nas mulheres como se fossem intrínsecos a elas¹⁷. A revista contou com diversos colaboradores renomados¹⁸ que, da mesma forma como se passou com **O Cruzeiro**, a referendavam.

O Cruzeiro circulou até 1989 chegando ao público em 10 de novembro de 1928, quando se autopronunciava “a mais moderna revista brasileira”, por causa das máquinas utilizadas na sua impressão, no uso de cores (uma página de cada cor: verde, azul, sépia) e a sua circulação nacional¹⁹. Com publicação semanal, **O Cruzeiro** surge em uma época quando uma elite se sentia representada no discurso médico-sanitarista ao mesmo tempo em que uma população pobre passou a ser vista como perigo para a “boa sociedade”. Os “perigos” tinham nomes: eram “a sífilis, o dos prazeres do sexo, o das epidemias, o da degeneração da raça — leia-se: dos brancos — e com ela a degeneração da civilização”. Nesse jogo de forças desiguais, porque mesclados às políticas públicas, o próprio discurso médico-sanitarista pleiteou se estabelecer e transportou os problemas de ordem social ou jurídica para a ordem médica. Ou seja, “desordem social e patologia clínica estavam sendo pensadas juntas” (URSINI, 2000, pp. 30-31).

Os trechos destacados das duas revistas e aqui reunidos, a seguir, podem dar a impressão de que o assunto “Psicanálise” tomasse a cena nas páginas de ambas as revistas, o que não é verdade, pois são poucas as ocorrências relacionadas à Psicanálise²⁰. Trazer os trechos das revistas, com algum fôlego, para este artigo tem as finalidades de mostrar para a leitora e para o leitor como as ideias associadas à

¹⁵ Fundada por Álvaro de Tefé, as primeiras edições traziam logo acima do título o que o leitor encontrava em seu conteúdo: “Photographias, vistas instantâneas, desenhos e caricaturas”. Tão logo chegou ao público, em 20 de maio de 1900, a **Revista da Semana** foi vendida ao Jornal do Brasil com a ajuda de Medeiros e Albuquerque e Raul Pederneiras, de acordo com Nelson Werneck Sodré (SODRÉ, 1999, p. 297).

¹⁶ Em 1915, foi vendida a Carlos Malheiro Dias, Artur Brandão e Aureliano Machado (SODRÉ, 1999, p. 297).

¹⁷ Eliza Bachega Casadei (CASADEI, 1980) traz uma análise e, também, uma estatística da presença dos temas e das imagens feminina e masculina na **Revista da Semana**.

¹⁸ Destaco, dentre os apoiadores da revista, Medeiros e Albuquerque (José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque) viveu entre 1867 e 1934. Em 1924, publicou Os testes, em 1926, O hipnotismo, do que era adepto e divulgador, publicando artigos no **Journal de Psychologie Normale et Pathologique**. Recife, estudou em Portugal e, retornado ao Rio de Janeiro, estudou com Emilio Goe Idi e Silvio Romero; foi literato, professor, jornalista e diretor de vários jornais, foi deputado federal, ocupou a cadeira 22 da Academia Brasileira de Letras, autor da primeira reforma ortográfica da língua portuguesa no Brasil e autor do Hino da República. Foi vice-diretor do Ginásio Nacional (antigo Colégio Pedro II, assim renomeado pela nova República) nomeado por Benjamin Constant. Interessado em Psicologia, fundou o primeiro laboratório de Psicologia experimental no país (BIBLIOTECA VIRTUAL DE PSICOLOGIA - BRASIL, s.d.).

¹⁹ Deve-se ter em mente que a navegação era quase de cabotagem à época e que as estradas não estavam ramificadas (URSINI, 2000). Desconheço a logística da distribuição da revista, o que seria uma interessante pesquisa.

²⁰ Na pesquisa estatística no acervo digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, onde as edições das revistas foram pesquisadas, traz ao longo do período de existência da Revista da Semana, por exemplo, 41 ocorrências para a palavra “psychanalyse” — e destas, 24 ocorrem na década de 1920 — ao passo que para as palavras aleatoriamente escolhidas, a ocorrência é maior: “deputado”, 3.671 ocorrências e “beterraba”, 97; na revista O Cruzeiro o mesmo acontece.

Psicanálise apareceram naquelas revistas e, também, de dar a chance aos leitores de discordarem das minhas observações.

3.1 O Cruzeiro

1929

A revista **O Cruzeiro** (na época chamada apenas “Cruzeiro”) publicou, na edição de 20 de abril de 1929, o registro feito por Menotti Del Picchia da homenagem ao palhaço Piolin sob o título “Piolin Moqueado: homenagem dos artistas de São Paulo ao creador de um gênero artístico”. O almoço aconteceu em São Paulo, nas dependências do Mappin Stores, a loja de departamentos fundada em 1913 no Brasil (porém, era inglesa, existindo desde o século XVIII), com salão de chá, e que era o ponto de encontro das senhoras da sociedade das famílias dos barões do café. Piolin (Abelardo Pinto, que viveu entre 1897 e 1973), foi apontado pelos artistas modernistas como o criador de um gênero artístico e a ocasião foi uma homenagem dos artistas ligados ao Movimento Antropofágico inaugurado em 1928, cujo propósito era canibalizar a arte eurocentrada e dela retirar o que prestasse. No texto publicado n’**O Cruzeiro**, de autoria de Menotti Del Picchia, estão mencionados alguns dos presentes no almoço: Tarcila do Amaral; Anita Malfatti; as esposas de Silva Telles, de Guilherme de Almeida e de Benjamin Péret²¹, este último mais tarde expulso por Getúlio Vargas em 1931. Entre outros presentes estava Antonietta Rudge²², quem organizara a homenagem a Piolin e ao seu encarnador Abelardo Pinto.

Sem “seita, preconceito ou snobismo”, escreveu Del Picchia²³ naquela edição d’**O Cruzeiro**, “o circo é matriz ingenua e limpa da arte scenica” e nele “há instinto e o instinto — mesmo que não tivesse em moda Freud — é a verdade nua e crua da alma humana”. Nessa brevíssima alusão ao Inconsciente em analogia a uma verdade radical, Menotti Del Picchia descreve Piolin alinhado à arte brasileira; esta que, “procurando suas verdades mais recondidas, deixa de ser um totem nas mãos das falsas ‘élites’ para aderir á indole exacta do nosso povo”. Diante do espetáculo de se ter Piolin, o personagem de artes mais democráticas, Menotti Del Picchia exorta os “caciques do pensamento paulista” a fazerem “a psycho-analyse publica desse recalçamento colectivo da admiração e do gozo espiritual”. Ao que parece, esse convite crítico pode ser interpretado dirigido, também (talvez, principalmente), aos presentes naquela ocasião de origem de famílias com tradição política e econômica, o próprio espaço do Mappin como ponto de encontro da elite que se criticava e, também, alguns dos integrantes do movimento modernista que tinham origens na elite cafeeira.

A capa d’**O Cruzeiro** daquela mesma edição de 20 de abril de 1929 d’**O Cruzeiro** é da Miss Brasil, Olga Bergamini de Sá, em pastel de Carlos Chambelland. Na seção

²¹ Benjamin Péret (1899-1959) era poeta francês que viveu no Brasil.

²² Pianista renomada, Antonietta Rudge (1885-1974) era esposa de Charles Miller, quem introduziu o futebol no Brasil, e viveu com Menotti Del Picchia a partir de 1934 até o falecimento dela (DACORSO & NOGUEIRA, 2011).

²³ Paulo Menotti Del Picchia (1892-1988), paulista, advogado, ensaísta, pintor e ativo participante da Semana de Arte Moderna no Teatro Municipal de São Paulo entre 13 e 18 de fevereiro de 1922. Entre os anos de 1920 e 1940 dirigiu o jornal A Noite (1911 -1957) e a revista quinzenal A Cigarra, foi vencedor do Prêmio Jabuti com a obra literária Juca Mulato (1917). As vertentes do modernismo com o manifesto do Pau-Brasil e o Manifesto Antropofágico praticaram o nacionalismo crítico sob o comando de Oswald de Andrade; o Manifesto do Verde-Amarelismo (ou da Escola da Anta), que “traz sementes do nacionalismo fascista” e tem o comando de Plínio Salgado e dele participam Guilherme de Almeida, Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo. A ambiguidade de filiação política — o Modernismo de orientação a promover rupturas no status-quo e o Integralismo, marcando a oposição aos movimentos de esquerda e ao capital financeiro —, o fascínio pelo crescimento da cidade de São Paulo promovido pelo capital, talvez, tenham sido razões para Del Picchia ter sido “deixado de lado” pelo grupo modernista (DACORSO & NOGUEIRA, 2011).

“Dona na Sociedade”, o texto “A proclamação de ‘Miss Brasil’” traz algumas impressões acerca do concurso de Miss Brasil acontecido no estádio do Fluminense, no Rio de Janeiro, entre as quais, a observação do doutor Carneiro Aryosa, apontado “especialista em Psychanalyse” e que teria dito ele: “Eu acho que deviam ter collocado o professor Porto Carrero no jury. Porque em Galveston quem decide, depois de tio Sam, é Freud...”.

A referência de Aryosa a Porto Carrero provavelmente se deveu à proximidade entre ambos que encabeçavam as atividades da sede da SBP no Rio de Janeiro desde fevereiro de 1929. Carneiro Aryosa²⁴ havia trabalhado no Hospital de Alienados, entre 1918 e 1922 e, mais tarde, se tornou membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise—SBP-Seção Rio, fundada em 1927 por Porto Carrero e Juliano Moreira como uma “filial” da SBP de São Paulo. Em fevereiro de 1929, foi acordado²⁵ que a sede da SBP estaria no Rio de Janeiro e não mais em São Paulo, onde ficaria “o primeiro dos Departamentos Estaduaes desta” (PORTO CARRERO, [1929] 2002, p. 156).

A menção a Galveston (Texas, Estados Unidos) é a referência ao concurso internacional de Miss. No Brasil, havia o concurso de Miss Brasil criado e organizado pelo jornal **A Noite**, e em 1929, foi a primeira vez que uma representante brasileira, a Miss Brasil, foi para o concurso internacional em Galveston: Olga Bergamini de Sá, carioca, Miss Brasil-1929, não ficou entre as dez candidatas classificadas. Escreveu a Iracema, que assinava a seção “Cartas de Mulher”, n’**O Cruzeiro** em 22 de junho de 1929: “O que a cidade de Nova York viu desembarcar pelo braço do Consul do Brasil não foi uma vaidosa mulher bonita, mas sim uma recatada moça de família, graciosa e quase tímida” e o texto segue para trocadilhos da “honra da beleza” e “a beleza da honra”. Antes, em “‘Miss Brasil’, symbolo nacional” publicado na edição de 27 de abril de 1929, Peregrino Junior²⁶ escreveu que “desde a escola nos ensinam systematicamente exageros encantadores: que o Brasil é o país mais bello, mais forte, mais rico e maior do mundo”, e continuou: “a gente cresce com essas idéas no sub-consciente” e que, por isso, acreditaríamos ser a mulher mais bela do mundo a miss e que a ida dela a Galveston teria, portanto, “uma significação nacional” e “a Patria na berlinda”.

Na seção “Cinelandia”, da revista **O Cruzeiro**, a atriz alemã Brigitte Hehn é elogiada pela atuação no filme “Crisis”, de Pabst, com o seguinte comentário: uma “pellicula de psychologia moderna, que explica a infidelidade feminina, de accordo com as theorias de Freud”.

“Um homem inchoerente”, um conto “especial para *Cruzeiro*”, publicado em 18 de maio de 1929 (pp. 26, 27, 39), conta a história de um rapaz que possui uma doença e que resiste bravamente às tentativas de penetrarem-lhe no Inconsciente porque é ele mesmo médico e reconheceu o método quando quiseram-lhe aplicar “o maravilhoso tratamento preconizado por Freud: a psychanalyse”. Estranhamente o tratamento aparece, nesse conto, sem que seja, estabelecidos os termos com o paciente e, porconsequente, a concordância deste. Os contos eram comuns na revista e, longos, ultrapassavam páginas. Esse conto, em particular, é de autoria de Elias Davidovich (1908-1998)²⁷, russo naturalizado brasileiro, médico e tradutor que fez parte do grupo organizado por Porto Carrero²⁸ para traduzir Freud diretamente do alemão. Faziam parte do grupo: Moysés Gikovate e Odilon Gallotti além de Porto Carrero e de Elias Davidovich.

²⁴ Carneiro Aryosa atuou na Neurologia, Psiquiatria e Psicanálise (PORTO CARRERO, [1929] 2002)

²⁵ Acordado entre: Juliano Moreira, Murillo de Campos, Deodato, Carneiro Aryosa, Durval Marcondes, Osorio Cesar e Porto Carrero (PORTO CARRERO, [1929] 2002).

²⁶ **João Peregrino da Rocha Fagundes Junior** (1898-1983), de Natal, Rio Grande do Norte, jornalista e médico, se tornou membro da Academia Brasileira de Letras—ABL em 1945 (vide site da ABL).

²⁷ Ilustrado por Carlos Chambelland (1884-1950), pintor, decorador trabalhando para o governo em trabalhos de decoração e em Pernambuco, entre 1912 e 1915, estuda os costumes locais e o seu interesse é despertado no que acredita estar ali mantida a cultura intacta tipicamente regional (ITAÚ, 2015).

Desde o primeiro número da revista **O Cruzeiro**, a seção “Carta de Mulher”, trazia o embate entre o tradicional e o moderno, o campo e a cidade onde uma tia da roça e a uma moça moderna encenavam o velho e o novo. O jazz, o tango e o maxixe, o cabelo cortado curto, a boca pintada de batom vermelho e o cigarro, uma *flapper* norte-americana eram as imagens encarnadas por Lucia, a sobrinha que viva no Rio de Janeiro e a sua antagonista, sua tia. Em 1929, Iracema, a tia, revela que sua sobrinha moderna não existiu, explica que criou a personagem para alertar as mães acerca dos perigos da vida moderna e conta que diversas mães “dos estados” escreveram à Iracema pedindo para cessar de publicar esse “pernicioso exemplo” invejado por “moças que ainda se conservam fieis á antiga disciplina familiar” (URSINI, 2000, p. 62). É possível que nem mesmo Iracema existisse, pois este era o pseudônimo de Carlos Malheiro Dias na seção “Cartas de Mulher”, no plural, na **Revista da Semana** e que circulou entre 1914 e 1918 e em 1928 Carlos Malheiro Dias fundou **O Cruzeiro** (COUTO, 1992). Depois, a seção “Carta de Mulher” n’**O Cruzeiro** deixou de existir e deu lugar a “Carta às mães”, uma seção adaptada dos escritos do “Professor Wilhelm Stekel de Viena”, dirigida à educação dos filhos (URSINI, 2000, p. 64). A adaptação de Stekel²⁹ para **O Cruzeiro** é do Dr. Martinho Rocha Junior, médico com especialização na Faculdade de Berlim e, segundo Anderson Narciso (NARCISO, 2016, p. 109), quem teve a iniciativa de inserir o exame antromotétrico no ambiente escolar por volta de 1916, com a criação do Gabinete Antropométrico em São Paulo, que permitiria identificar os problemas de saúde do aluno e conhecê-lo melhor como prática aliada à inserção do ensino de higiene na escola (NARCISO, 2016, p. 109).

1930

“O novo mundo que se descobriu! Impressionantes phenomenos da Vida Psychica”, texto escrito por De Mattos Pinto³⁰, publicado n’**O Cruzeiro** em 3 de maio de 1930 (p. 15), que traz uma discussão com a Filosofia, a Psicanálise e nela menciona Freud e Jung.

A crítica anônima à aproximação que faz a literatura da Psicanálise aborda a “voga avassaladora dos romances freudianos”, na crônica intitulada “A pathologia no romance”, publicada n’**O Cruzeiro** em 7 de junho de 1930. O texto afirma que a literatura, tanto o quanto a moda, estão sujeitas a variações, o que o texto diz ser benéfico, e pergunta: “a moda reclama assumptos freudianos?”. A questão abordada no texto é o mercado literário e nele “os romancistas do nosso tempo descobriram na observação clinica um precioso filão” e, também, os editores: “quase sempre o exito do editor, é incomparavelmente maior que o do autor, que, depois de digerir varios manuaes de psichiatria e de psychacanalyse, só consegue fazer rir ou médico em cujas mãos cai por acaso o seu romance”.

1933

A psychologia profunda ou psychanalyse é o título da mais recente, em 1933, obra de Julio Pires Porto Carrero que integra a coleção científica dirigida por Afrânio

²⁸ O primeiro livro que publicou era intitulado **Ensaio de psicanálise**, de 1929, cujo objetivo era de divulgar a doutrina de Freud tanto aos especialistas quanto ao público leigo (BIBLIOTECA VIRTUAL DE PSICOLOGIA - BRASIL, s.d.). Porto Carrero nunca foi analisado, como todos os fundadores do freudismo no Brasil (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 594).

²⁹ Stekel (1868-1940) era psiquiatra austríaco, um dos primeiros seguidores de Freud e frequentador da Sociedade Psicológica das Quartas-feiras, criada em 1902 e inicialmente, frequentada por Stekel, Federn, Graff e Reitler (CROMBERG, 2010).

³⁰ Jornalista, também, colaborava com o **Jornal da Manhã** (PENJUN, 2020, p. 483).

Peixoto e, também, o título do comentário, de página inteira, à obra de Porto Carrero publicado no frontispício da revista **O Cruzeiro** em 14 de janeiro de 1933. O comentário, assinado por Hernani de Irajá, situa Porto Carrero em relação a Freud e à Psicanálise: “Ninguém poderá hoje em dia falar em psychanalyse no Brasil, sem citar o nome de Julio Porto Carrero”.



Detalhe da página d'**O Cruzeiro** (14/01/1933) com o frontispício trazendo o título; notar o perfil da paisagem no Rio de Janeiro para a revista que se anunciava nacional.

O texto apresenta Porto Carrero como um estudioso apaixonado da obra de Freud e que por ter ele assimilado e compreendido “tão bem a doutrina do mestre de Viena (...) temos a impressão de ser a psychanalyse criação de Porto Carrero”. No seu comentário ao livro de Porto Carrero, Hernani de Irajá imagina reações dos leitores comuns que, “meio incrêos, meio confiantes” se vão embrenhar “pela symbologia dos sonhos com ares de advinhos ou decifradores de charadas”. O leitor “indigna-se, enraivece-se, diz para os vizinhos: — Isto é uma barbaridade, (...) sem nenhum fundamento!”, completa o comentarista Hernani de Irajá: “Diz tudo isso, mas não larga o livro”. Ao término da leitura do livro, segundo Hernani, pensariam os leitores: “Têm graça esses medicos de hoje!”.

O leigo em psychanalyse escandaliza-se com a leitura explicativa do consciente e inconsciente, da criação da censura e do recalco e mais recalcos e transferências, para, no auge da admiração, corar de indignação ao topar com os complexos de Édipo e de castração. (Hernani de Irajá em “A psychologia profunda ou psychanalyse”. (**O Cruzeiro**, 14/01/1933)

De forma polifônica, o texto de Hernani de Irajá possui vários endereçamentos. Ao comentar a obra de Porto Carrero, Irajá faz a distinção do pansexualismo de Bleuler, difundido para a Psicanálise a partir de uma crítica de Bleuler a Freud, apontando erro nessa confusão. Provavelmente, Irajá dialoga com os estudiosos de Psicanálise a partir das obras francesas.

Freud seria um quase gênio por sua sistematização da fenomenologia física e sexual (Irajá não menciona “psíquica”) para um equilíbrio, comenta Irajá, capaz de chegar à gênese das “psychoneuroses, dos impulsos para o crime, a genese do artista, as sublimações”. Aqui entrevemos os empenhos depositados na Psicanálise como uma resposta científica às mazelas sociais que transbordam o Sujeito e que estarão ligados à confiança na Psicanálise para moldar esses mesmos Sujeitos, desde a infância, por meio da educação sexual.

Diz Hernani de Irajá que Freud seria, de fato, gênio se a Psicanálise fosse aplicada “às escolas penais e à sociologia”, equiparando Freud a Einstein, do qual já se devia o leitor ter ouvido antes e, com isso, já oferecendo aos leitores, como que estabelecido, o nível de ciência para a Psicanálise. No texto de Irajá publicado na revista **O Cruzeiro**, os termos “recalcamento”, “psychoneuroses”, “impulsos”, “transferências”, “complexo”, “consciente e inconsciente” corroboram para igualar os assuntos “Psicanálise” e “Ciência”, porque são termos técnicos, ao mesmo tempo em que familiariza o leitor ao vocabulário psicanalítico.

Na edição d'**O Cruzeiro** de 12 de agosto de 1933, é publicada uma série de fotografias: Freud lendo um livro no jardim; Freud com dois dos seus filhos, Jean Martin e Ernest, que eram tenentes do Exército Austríaco; um retrato de Freud aos sete anos de idade; fotografia da fachada do Instituto Freud em Berlim; a porta de entrada da sua casa com um cartaz do açougue vizinho com o preço da carne logo abaixo da plaqueta onde está escrito “Prof. D. Freud”; um panorama da rua Berggasse em Viena, onde Freud viveu até antes da Segunda Guerra. O arranjo das imagens traz a atmosfera de penetração na intimidade de Freud e o texto, já no seu início, informa que qualquer jornalista que se aproximasse teria a resposta de que ele, Freud, não recebe jornalistas. No entanto, as fotografias são de diversas datas e contextos mesclados em uma colagem e sobreposições que conferem um movimento onde não há: a rua Berggasse parada, Freud recostado lendo um livro e estando praticamente imóvel em quatro “cliques”, Freud apoiado em um banco. A fotografia com os filhos é de 1916, o retrato na idade de sete anos e outro os 76 anos, na ocasião da entrevista realizada pelo jornalista Nicolas Bandy³¹, publicada na revista francesa **Vu** e, depois, reescrita por Victor Perelet para **O Cruzeiro** em 1933.

1934

Em outra edição da revista, o livro **Maria Antonietta**, de Stefan Zweig, é anunciado na seção “Livros novos” d'**O Cruzeiro** em 20 de janeiro de 1934, em uma tradução de Medeiros e Albuquerque³². Zweig correspondia-se com Freud, que leu a obra de Zweig em 1931 e concordara com Zweig acerca da natureza da *sugestão* ainda não estar descoberta (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 510). **Freud** é outra obra de Zweig, que reúne ensaios. Austríaco, Zweig viveu no Brasil³³, foi biógrafo, novelista e romancista dito n'**O Cruzeiro** “discipulo dileto de Freud”.

³¹ Trata-se do jornalista Nicolas Brandy, da revista francesa **Vu**, especializada em fotojornalismo, em estética e movimentos artísticos, publicada na França entre 21 de março de 1928 e 5 de junho de 1940 (VEIGY & FRIZOT, 2009). **O Cruzeiro**, que se anunciava uma “Revista Semanal Ilustrada”, certamente contou com a **Vu** como inspiração ou mesmo a **Revista da Semana**; pois, a norte-americana **Life** lançou o seu primeiro número em 23 de setembro de 1936.

³² José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque (1867-1934), publicou **Os testes**, em 1926, **O hipnotismo**, do que era adepto e divulgador, publicando artigos no **Journal de Psychologie Normale et Pathologique**. Recife, estudou em Portugal e, retornado ao Brasil, estudou com Emilio Goeldi e Silvio Romero; foi literato, professor, jornalista e diretor de vários jornais, foi deputado federal, ocupou a cadeira 22 da Academia Brasileira de Letras, autor da primeira reforma ortográfica da língua portuguesa no Brasil e autor do **Hino da República**. Interessado em Psicologia, fundou o primeiro laboratório de Psicologia experimental no país (BIBLIOTECA VIRTUAL DE PSICOLOGIA - BRASIL, s.d.).

³³ Foi Zweig quem proporcionou o encontro em Viena, o único, em 14 de maio de 1924, entre Freud e Romain Rolland (1866-1944), escritor francês admirado por Freud (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 667). Stefan Zweig (1881-1942), nasceu em Viena e se suicidou juntamente com sua esposa, na casa do casal em Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro, deprimido pela ascensão do nazismo na Europa (FIOCRUZ, 2019). A residência em que viveram e onde morreram é hoje aberta ao público.

Também, na seção “Livros Novos”, d’**O Cruzeiro**, em 31 de março de 1934, está anunciada a obra **A Psychanalyse (Theoria sexual de Freud)**, de Angelo Hesnard (1886-1969), postulante de uma Psicanálise cartesiana. A propaganda da obra diz ser ela indispensável porque “permite a formação de um juízo seguro sobre doutrina tão controvertida”. É pela via de uma crítica de Hesnard à obra de Freud que o pansexualismo foi lido e disseminado para um maior número de leitores no francês que no alemão original de Freud. Havia, segundo Roudinesco e Plon, alguma germanofobia, após a Primeira Guerra, associada à obsção pelo nacionalismo na França e ao antisemitismo. A ideia era a de “afrancesar” as teorias de Freud moldando-as a um “gênio latino”. Em lugar de ciência com proposições universais, a Psicanálise foi tratada como particularizada como germânica da mesma forma a teoria da relatividade de Einstein (1879-1955) (ROUDINESCO & PLON, 1998, pp. 120, 250), Nobel de Física em 1921. As divergências rebateram na IPA no intuito de “francesar”, também, o vocabulário da Psicanálise, tendo no outro polo das cisões Loewenstein, Marie Bonaparte e Saussure (*idem*, p. 251).

Na mesma coluna estão anunciadas as obras: **Mulheres e monstros**, de João de Minas; a coletânea de contos **Sino quebrado**, de Alves da Ribeirinha (Antônio Augusto Pousada); **Karl Marx**, de Max Beer; **Pirapora**, de Afonso Schmidt; **O cavaleiro de Itararé**, de Plínio Salgado. Um texto sobre a “russa” Alla Petrowa — soldada do Exército Vermelho de Trabalhadores Camponeses (1918-1946), fundado por Trótski — e a participação das mulheres ladeia a coluna “Livros Novos”; e a página inteira tem entremeados os seguintes anúncios: Opilina, para opilação; Trepargyl, para sífilis e Odol, para o hálito. Na página anterior estão diversas receitas sob o título “O que fazer com o presunto” e na página atrás, fotografias em “Idéas sobre o conforto Moderno” trazem o ambiente da casa iluminado, paredes limpas de quadros.

A sala de leitura possui a janela aos moldes do arquiteto Gregori Warchavchik (1896-1972): perfazendo o canto sem pilastras e amplos vidros e, no caso dessa janela, o canto é arredondado. Warchavchik chegou ao Brasil em 1923, no momento do “desrecalque localista”, depois da Semana de Arte Moderna de 22, quando os polos vanguardistas italiano e francês migram para o polo alemão (LIRA, 2007, pp. 158, 164).

*Detalhe de “Idéas sobre o conforto Moderno”; **O Cruzeiro**, 31/03/1934.*



Ainda, na edição de 31 de março de 1934, os hábitos ou as manias dos artistas de Hollywood são lidos a partir da teoria de Freud, quem é referido como “o mestre-papa em psycho-analyse”. O hábito de lavar as mãos “um desnecessário numero de vezes por dia” demonstra que o indivíduo “o faz assim porque elle sente no seu sub-consciente uma falta de limpeza moral” escreveu Marius Swenderson, apresentado na

revista como correspondente “especial de Hollywood para **O Cruzeiro**”, cujo título era “Diz-me teus hábitos...”. O autor menciona não conhecer qualquer ator ou atriz em Hollywood que possuía tal hábito, senão o tamborilar dos dedos enquanto concedem entrevistas e outros tantos hábitos atribuindo-os nominalmente a atores e atrizes da Broadway. A menção a Freud é fortuita, o importante no texto é a atmosfera de proximidade e convivência com atores e estrelas de Hollywood; o cinema e a intimidade dos hollywoodianos eram assunto de grande interesse na revista. Em outras edições de **O Cruzeiro**, Swenderson continua a relatar episódios seus com atrizes e a se referir a Freud. O detalhe é que “Marius Swenderson” era pseudônimo de Accioly Neto (BONADIO & GUIMARÃES, 2010), diretor de **O Cruzeiro** naquele período.

“A mulher no lar”, em 5 de maio de 1934 no **O Cruzeiro**, traz trajes femininos para esportes como o golf, a montaria e o tênis. Há a advertência: “a mulher, em todas as ocasiões da sua vida, não deve esquecer de que é mulher” e emenda que “a masculinidade no sexo feminino, cheira a qualquer coisa de suspeito, que em Medicina tem uma classificação arranjada por Freud”. Sem a explicação do que seria esse arranjo, os leitores podem interpretar como bem entendem e não têm maiores elementos para discordarem ou concordarem da afirmação. Estando disponível, desde pelo menos 1905, em **Um caso de histeria: três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos**, a percepção de Freud quanto à escolha de investimento em um objeto de desejo distanciada da causalidade biológica fosse na homossexualidade ou na heterossexualidade.

Em outra edição da revista, os ensaios da peça “Sexo” são objeto de uma reportagem no **O Cruzeiro** em 27 de outubro de 1934. Diz a redação a revista que a peça “aborda um thema audacioso e de maior actualidade, o da sexualidade em sua em sua função social, á luz das conquistas experimentais de Freud”. A peça, um projeto do Teatro-escola³⁴, era um “empreendimento de cultura artistica que o governo confiou ao escriptor Renato Viana”³⁵.

1937

Um conto policial Quentin Reynolds³⁶ em que o protagonista é “interessado em psychanalyse”. Por entre diálogos, há a afirmação de que, uma vez revelada a importância do inconsciente não se poderá mais “negar o seu verdadeiro papel no psychismo humano”. A explicação sobre os sonhos é feita utilizando-se a imagem do vinho como “o reflexo perfeito das uvas que o produziram; tal como o sonho é reflexo dos pensamentos escondidos no inconsciente”.

— E é isto que chama psychanalyse? — interrogou Kramer. / — Freud assim a chama. Adler chama psychologia individual. Jung chama de psicologia analytica. O nome não importa. Nossa sciencia é aquella que nos dá acesso á mente inconsciente. (**O Cruzeiro**, 16/01/1937)

No restante do conto de título “O sonhador”, os sonhos são ensejos para investigar a causa da morte de um rapaz.

³⁴ O projeto, que consistia em formação de artistas com montagens em várias cidades, foi uma iniciativa do governo federal e da prefeitura do Rio de Janeiro e durou entre 1934 e 1935. Embora uma iniciativa isolada, que não tenha alcançado o sucesso esperado, que tenha havido acusações de irregularidades com financiamentos e que se tenha constituído a partir de relações pessoais, enumera Angélica Camargo, tal iniciativa teve o mérito de abrir espaço para o teatro, avalia Camargo. Pois artistas e empresários efetuavam pedidos de apoio, cujas demandas eram repassadas para o Ministro Gustavo Capanema e, posteriormente, em 1936, se criou a Comissão de Teatro Nacional (CAMARGO, 2011).

³⁵ Renato Viana (1894-1953), do Rio de Janeiro, foi ator e diretor teatral, escreveu uma peça no ano da Semana de Arte Moderna, em 1922 e buscou mudar a cena e o processo da produção teatral entre as décadas de 1920 e 1930 no Brasil (ITAÚ, 2021).

³⁶ Provavelmente o jornalista norte-americano que viveu de 1902 até meados da década de 1960.

Na edição de 6 de março de 1937, “O que revela os nossos sonhos”, por Charles E. Griffing³⁷, discorre sobre o inconsciente, “que é o seu verdadeiro ‘eu’”; as “normas de moral que não permitem a realização do impulso inconsciente”; “livre associação” são os assuntos desfilados que, ao mesmo tempo, buscam explicar o que é a Psicanálise ao contar a história de uma senhora cujo filho se afastou dela para estudar fora. A lembrança do filho lhe dava frio, o que foi associado ao sonho de ser ela uma ave na arribação. Seguem-se outros exemplos de interpretações rápidas e associativas dos sonhos com temas sobre apaixonar-se por pessoa casada; o sonho de uma jovem em estar sendo perseguida por um animal selvagem associado à sua excitação em “acceder à côrte que há tempos lhe vinha fazendo um rapaz para uma entrevista amorosa” e que o sonho lhe traria o conflito entre “a necessidade de se conservar fiel às regras de moral” e o “motivo sexual” inconsciente de que o moço “acabaria por se apossar della”. Vê-se que um instrumento fundamental na Psicanálise, como a interpretação dos sonhos, foi apropriado pelo ideário cultural e moral da época na perspectiva do autor. Por fim, a Psicanálise, naquele texto, é atrelada à Psicologia e encapsulada na interpretação dos sonhos: “toda uma escola de psychologia tem hoje como uma de suas columnas mestras a analyse e a interpretação dos sonhos — a psychanalyse!”.

Em outra edição d’**O Cruzeiro**, o corpo de uma mulher morta a bala deixado sobre os trilhos é partido em duas partes por um trem, cujo maquinista não conseguira parar a tempo. É a história verídica contada na revista sob o título “O monstro prehistorico”, em 16 de outubro de 1937. Era Mildred Allison Rexroat, uma jovem professora de tango vítima de Henry Spencer (Harry Burke), o assassino em série que iria a julgamento conforme anunciado pelo **Morning Press**, jornal de Santa Bárbara na Califórnia, nos Estados Unidos, em 16 de outubro de 1913. O texto d’**O Cruzeiro** diz ter sido o trigésimo crime de Harry Burke. O assassino foi executado, no entanto, paira a dúvida se teria sido mesmo ele o autor, pois Burke associava o seu nome a roubos e a assassinatos refinados que aconteceram antes de Mildred e enquanto ele estivera preso (SCOTT, 2007, pp. 26-29). N’**O Cruzeiro**, está indicado brevemente a conexão possível do tema com a Psicanálise ou com a Psiquiatria, onde “a criminologia teria campo suficiente para um perfeito estudo sobre as características do criminoso nato”. O assassino confesso manifestaria *stir simple* (agitação simples), conforme indicado no **Morning Press**, ali definido como “o delírio descrito como insanidade penitenciária”.

De acordo com Erving Goffman, as instituições totais imputam chances a certas manifestações de afastamento da situação em que o sujeito vive, sejam hospitais, campos de concentração, prisões, conventos e mesmo marinheiros em navios e soldados de guerra em trabalho. Segundo Goffman, tal afastamento manifesto é um ajustamento à situação presente do indivíduo naquelas circunstâncias (GOFFMAN, 1974 [1961], p. 59).

Novamente, o tema da aliança entre a criminologia e a Psicanálise é abordado nas páginas d’**O Cruzeiro** na mesma edição de 16 de outubro de 1937. O cenário é a quietude, o azul e a repetição dos dias na ilha de Fernando de Noronha, onde havia um presídio e “á falta de outros assumptos, a imaginação dos prisioneiros põe-se a fabricar lendas curiosas. O texto é intitulado “A lenda da Alamôa” (“alemôa”): nas noites escuras uma chama, uma imagem feminina com cabelos louros, se move nos rochedos e nunca para; quando parar, ali será encontrado um tesouro escondido pelos holandeses planejando voltar ao Brasil. Seria o fantasma de uma moça morta, enquanto ela dançava, pelo noivo ciumento, o qual ficou interno no presídio na ilha. As lendas, diz **O Cruzeiro**, “encertam conceitos philosophicos de valor para os estudiosos de psychanalyse e criminologia”.

³⁷ De certo Charles Eldridge Griffin, que viveu até 1914.

A título de contextualização histórica e nas páginas da revista onde o tema da Psicanálise na revista, em meio a uma variedade de assuntos em **O Cruzeiro** e, também, as referências históricas desses outros tema, é importante olhar o que ladeia o texto que aborda a Psicanálise. Ao redor do texto sobre a lenda, na página 55, está a exortação aos leitores a ajudarem as missões salesianas no Brasil: “enquanto os pastores protestantes percorrem a imensa bacia amazonica, utilizando-se de lanchas a gasolina (...), nossos missionarios mal têm para comprar um pangaré velho e cansado”. Com o título “As missões salesianas em Matto Grosso”, é dito que a trilha deixada por Rondon foi aproveitada para a “victoria de Christo entre os pagãos”, estes, no caso, os indígenas: “trinta annos de intenso trabalho e sacrificio foram necessários para dominar a idolatria bororó”³⁸. O mérito é dado ao padre Poli na “pacificação” dos indígenas. As instalações das missões, às margens do Rio das Mortes foram Sangradouro e Meruri, territórios dos indígenas Xavante, que não são mencionados ali no texto. Aos indígenas foram ensinadas “a nossa religião”, diz **O Cruzeiro**, “nosso idioma e os nossos bons costumes”. As famílias indígenas eram retiradas das aldeias para as missões, aos jovens ensinavam trabalhar em “officinas mecanicas, de carpintaria, de olaria, etc.” e depois devolvidas às aldeias. As plantações de milho, arroz e outras seriam formas tanto de “civilizar” como de “desenvolver” os indígenas. O que é descrito no texto é o franco processo de assimilação desastroso para a saúde (os Xavante possuem altos índices de diabetes na atualidade por causa das intervenções na sua dieta tradicional) e para a autonomia e autodeterminação dos povos indígenas (porque foram “desautorizados” em suas escolhas).

A assimilação de uma cultura à outra praticada pela igreja em conjunto com o Estado, tem ali no texto o exemplo histórico da formação de uma reserva de mão de obra para os projetos de interiorização difundidos no Estado Novo (1937-1945) por Getúlio Vargas e, depois, reeditadas sob o integracionismo de Juscelino Kubitschek na década de 1950. Cassiano Ricardo publicou, em 1940, **Marcha para o Oeste**, com a ideia de desenvolvimento de regiões consideradas não habitadas a despeito das populações indígenas. A campanha, na verdade, se chamou “Rumo ao Oeste”, publicada pelo General Rondon em 1942. Antes, em 1926, Cassiano Ricardo havia participado do movimento verde-amarelismo — em conjunto com Plínio Salgado e dele participam Guilherme de Almeida e Menotti Del Picchia — em um nacionalismo na esteira da Semana de Arte Moderna de 1922, porém, que trazia laivos de fascismo (DACORSO & NOGUEIRA, 2011), como já mencionado em outra parte neste artigo.

O hata yoga é comparado à Psicanálise em publicação na edição de 27 de novembro de 1937 de **O Cruzeiro**, cuja chamada é o título “Para viver duzentos anos” e o que parece ser alguma incongruência na comparação por analogia, pois o hata yoga, é dito, “comporta uma severa disciplina sexual” ao passo que a Psicanálise não tem como finalidade sua própria disciplinar Sujeitos.

Outros crimes reais são relatados em “Robert Irwin não é um louco”, na edição de **O Cruzeiro** em 17 de dezembro de 1937 em episódio que ficou conhecido como “a Páscoa sangrenta de 1937”. Robert George Irwin estava sob tratamento psiquiátrico e obcecado por serpentes, pediu para a esposa, de quem estava separado, posar para ele: queria fazer uma escultura de mulher-serpente. Ela aceitou e não tendo marcado uma data, Irwin foi procurá-la planejando matá-la. Na casa da mãe da esposa estavam apenas esta, a irmã da esposa e um empregado da família. Ocorreu a Irwin que as duas mulheres seriam as responsáveis por sua separação. Irwin matou as três pessoas, antes, violentou as duas mulheres e de Verônica, que era modelo em Nova Iorque e sua cunhada, fez um molde do seu rosto e, também, esculpiu o rosto dela em um sabão no banheiro. Irwin havia recebido a recomendação de “uma cura psicanalitica”. O assassino teria procurado um psiquiatra na véspera do crime “para confessar certas

³⁸ Indígenas Bororo.

obsessões que são clássicas em psychanalyse, elle quis ‘preparar’ alilbis psychologicos”. As discussões giraram em torno de se planejar um “crime perfeito”, como se vangloriou Irwin, se não seria isso a prova mesma da demência, argumento esse utilizado pelo advogado da defesa. Irwin foi condenado a 270 anos de reclusão prisional.

3.2 Revista da Semana

A **Revista da Semana** é mais antiga que **O Cruzeiro**, porém, o termo “psychanalyse” aparecerá na década de 1920 na revista, antes, se falava em psychologia, não raro abordando hereditariedade e raça.

1921

Na edição de 19 de março de 1921: “É puramente emotiva a sua pseudo-molestia”. Assim começa a resposta dada pelo doutor Veiga Lima³⁹ ao consulente com o pseudônimo “Paulista” na seção “Consultório Médico” da **Revista da Semana**. E continua:

(...) um tratamento novo é o da Analyse psychica, segundo o methodo de Breuer e Freud. Este methodo demonstra a origem emotiva de todas as psychoses funcctionaes, emoção provocada por distúrbios da esfera sexual, especialmente na puberdade. Chamaram a Analyse psychica de cura cathartica. Como consequencia da pratica da Analyse psychica fundou-se a escola da psycho-analyse de Freud, que teve origem em Vienna! O seu caso parece ser de inversão somática. (Veiga Lima, **Revista da Semana**, seção Consultório Médico, 19/03/1921).

1923

Em outra edição da revista, em 19 de setembro de 1923, à consulta feita por Da Silva (Maranhão), o Dr. Veiga Lima receita injeções de soro lipotônicos e outros medicamentos, indica a sua posologia e aconselha: “é preciso observar a (...) auto-sugestão” (...). A influencia do inconsciente do domínio da vida psychica é objecto da psychanalyse, methodo de Freud” e completa Veiga Lima: “tudo girando em torno do instinto sexual”.

Note-se que as cartas ou o assunto das consultas não são publicados na revista. Por meio das repostas se pode inferir que as consultas versariam sobre a impotência sexual masculina, os problemas gastrointestinais, o excesso de peso e outros. Havia indicações de tratamento e receitas. É surpreendente que o diagnóstico dos sintomas fosse oferecido ou cogitado nas respostas às cartas. Por vezes, a resposta era: “Só com exame”. A frequência das respostas em torno da Psicanálise é pequena comparada aos outros temas diversos nas respostas naquela seção.

1930

Em outro número da **Revista da Semana**, dois povos são comparados: o napolitano e o carioca; ambos felizes em contemplar a exuberância da natureza que os cerca, mas diferentes nessa percepção ao ponto de que “qualquer profano em assumpto de psychanalyse, vendoa-as [culturas] juntas, logo notaria a diferença”, diz o autor

³⁹ Carlos da Veiga Lima (filho de José Faustino da Veiga Lima, médico), era médico clínico no Rio de Janeiro e, segundo Rafael Dias Castro (CASTRO, 2015, p. 72), foi inspetor de ensino no Liceu de Humanidades, em Campos (RJ) em 1922 e aparecia em eventos sociais noticiados junto a “juizes, deputados e outras personalidades apresentadas na Coluna Social, do Jornal O Paiz”. Veiga Lima participou da cerimônia do início da construção da Colônia de Alienados de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, em 1920. Era, também, escritor (*ibidem*).

Yantok⁴⁰. O texto segue trazendo historietas, fala de comidas de um e de outro e termina alinhando as diferenças em que um povo se expressa por dentro e o outro por fora.

Na página de abertura da edição de 13 de dezembro de 1930 da **Revista da Semana**, dirigida por Aureliano Machado, os assuntos relacionados a Freud são alinhados ao esnobismo e à extravagância.

A poesia não tem sexo, porque nasce do cérebro, provém do coração, por toque subtil de um divino momento de éstro ou por efeito magico de uma effusão sentimental. O verso, sendo uma resonancia cósmica, que faz estremecer as raizes profundas do sêr, é uma força que vence o instinto e actúa fóra da materia contingente, sem diferenciação de condição sexual, salvo se quizerem, por snobismo extravagante, coloca-la nos domínios de Freud, ídolo de nosso tempo... (Saul de Navarro, em “O dia dos poetas”, **Revista da Semana**, na página de abertura da publicação de 13/12/1930)

1932

Na coluna “Livros recebidos”, seção “Livros Novos”, na **Revista da Semana**, destinada à divulgação de diversas obras, em 16 de janeiro de 1932, está anunciada a publicação, em português, de **Cinco lições de Psychanalyse**, de Freud, originalmente publicada em 1910 em alemão. A coluna traz outras obras: **Poemas**, de Oscar Ferreira Junior, **Chanaan**, de Graça Aranha, **O despertar do gigante Sul Americano**, de Bernardino Vireira, entre outros. A seção traz outras obras que mereceram pequenas resenhas: um livro de contos, outro de geografia geral e Dostoiévsky com **Os pobres diabos**.

Na mesma seção, mas em 13 de agosto de 1932, é anunciado **Para compreender Freud**, publicado em 1931, livro de Gastão Pereira da Silva (1896 – 1987)⁴¹. O comentário na seção apresenta a obra como “o trabalho de Freud em synthese”; aponta-o como oportuno “nesta hora em que o estudo da Psychologia adquire todos os dias novos aspectos, como chave para a solução de problemas pedagogicos, medicos, juridicos, industriaes etc.” e recomenda que o livro deve ser consultado “como iniciação indispensavel à Psychanalyse”. Ladeia a seção “Livros Novos”, nessa edição da **Revista da Semana**, uma coluna intitulada “Crianças”. Nela, aparecem fotografias dos filhos e netos de pessoas proeminentes à época, como o neto de Ruy Barbosa. Embora a figura feminina tenha passado a povoar a **Revista da Semana** após 1915, como dito atrás neste artigo, homens concretos continuam a celebrar homens concretos na revista.

Saul Navarro⁴² escreve na **Revista da Semana** em 19 março de 1932 “O milagre de um genio”. Aborda Goethe e diz que a literatura e a Filosofia já teriam explicado antes de Freud “a significação” dos nossos sonhos e decifrado a “esphinge sexual”; e que um “surto pre-psycho-analytico” teria feito de uma “velha e ingenua lenda medieval uma

⁴⁰ Max Cesarino Yantok (1881-1964), foi cartunista, chargista, pintor e violinista, fundou o jornal italiano de humor **Monsignor Perrelli**. O seu pai era descendente de ciganos e Yantonk nasceu em uma aldeia indígena perto de Passo Fundo no Rio Grande do Sul (ITAÚ, 2022). Provavelmente indígenas Kaingáng, que vivem naquela região.

⁴¹ Embora tenha atuado ativamente na divulgação da Psicanálise, Gastão Pereira da Silva, não se filiou a quaisquer instituições de formação psicanalítica, o caráter elitista dessas instituições foi denunciado por ele, que é nome marginalizado pelas tais instituições (SANTOS & MANDELBAUM, 2019, p. 4). Gastão publicou ao menos doze livros tanto em Psicanálise como romances com o tema entre 1933 e 1985.

⁴² Saul de Navarro era o pseudônimo literário de Álvaro Henrique Moreira de Souza (1890-1945), ele foi fiscal do Tesouro no Espírito Santo (de 1925 a 1930) e fundou, junto a outros, a Academia Espírito -santense de Letras em 1921, onde foi empossado em 1925. Com o Golpe Militar, em outubro de 1930, perdeu o emprego da mesma forma que tantos outros acadêmicos. Era colaborador de periódicos e de diários, entre esses: **O Brasil**, a **Gazeta de Notícias**, **A Razão**, **O Dia**, **A Notícia**, a revista **Ilustração Brasileira**, a **Revista do Brasil** e a **Revista da Semana**. Colaborou com revistas estrangeiras: **Plumadas**, da Venezuela, **Nuestra America**, Buenos Aires, **Hero**, Cuba e **America Latina**, Equador. (RIBEIRO, 2021; ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS, 2022).

imperecível realidade symbolica”, se referindo, de certo, à figura mitológica de Mefistófeles, em Fausto de Goethe, cuja crítica do autor pode ser estendida ao Complexo de Édipo, conceito fundador⁴³ na Psicanálise e baseado na lenda grega.

Saul de Navarro assina a crônica “Uma entrevista a La Fontaine”, na **Revista da Semana**, em 26 de março de 1932, que, em vista do recente decreto⁴⁴ que proibira o Jogo do Bicho, Navarro diz ter ido ao zoológico em Vila Isabel, na cidade do Rio de Janeiro, para ouvir os vinte e cinco bichos relacionados ao jogo. Um a um dos bichos ofereceu o seu depoimento em face do tal decreto. Em alusão à prática de se jogar em determinado bicho a partir do sonho ou com um bicho ou com algumas circunstâncias que, interpretadas, venham a indicar um ou mais bichos, Navarro menciona Freud de maneira fortuita no fecho da sua crônica: “Quanto a mim, estou tranqüillo e satisfeito, porque já posso dispensar o Freud para a interpretação dos sonhos”.

Em uma espécie de colagem de imagens diversas de fotografias de mulheres, em 16 de abril de 1932, “O eterno feminino tem no sex-appeal a sua origem adorável”. Assim começa a crônica com o título “Sex Appeal”, para partir de Eva, Greta Garbo, Salomés que dançam “sem os sete véus” para abordar o cinema hollywoodiano como uma “paisagem”, um “encanto panoramico da nossa libido” e em cada “pellicula magica (...) espreita-nos o severo Freud”. A mulher é “a ultima invenção de Satan” e o “sex-appeal representa o jogo subtil do instinto”, “o desejo que não pode ser recalcado, a galanteria erógena sob o leve disfarce da coquetterie”. Continua: “Estamos voltando ao realismo magnífico do amor, que foi uma alegria divina na Hellade⁴⁵”, à “festa dos sentidos nos dias floridos da Renascença” e à “pompa colorida nas noites de Versalhes”. Assina “FAN”. Um texto bobo e que encaixa sorteadamente as palavras do vocabulário da Psicanálise: libido, instinto e recalque. É interessante a conexão entre o cinema e a Psicanálise.

Benjamin Ferreira⁴⁶, em 29 de outubro de 1932, responde para Alaôr Varela, do Ceará: “tudo o quanto o senhor tem se basêa em complexos psycho-sexuaes, que remontam muito longe em sua juventude”. O respondente explica que os fatores que deprimiriam o consulente, e que este provavelmente indicara em sua carta, são “infundados” pois “herda-se o character nervoso, a predisposição; porém não a psychoneurose. Não há um determinante fatal na neurastenia”. Explica que na “moderna escola” de Viena, “Freud e seus continuadores, tem demonstrado (...) o infundado dessa suposição que representava até agora o modo de ver dos clássicos”. O consulente é aconselhado a fazer um exame médico não para excluir possibilidades, mas para identificar se não existiria um “factor somatico determinante de perturbações nervosas”

⁴³ O complexo de Édipo tem as primeiras formulações já em 1897, em carta de Freud a Fliess, e aparecerá referido em **A interpretação dos sonhos** (1900) e formulado em 1924. A castração será articulada à pulsão de morte mais tarde, quando a ideia assume o caráter de conceito fundador (MOREIRA, 2004).

⁴⁴ Trata-se do Decreto nº 21.143, de 10 de março de 1932 (revogado), assinado pelo Chefe do Governo Provisório Getúlio Vargas, à época Ministro de Estado dos Negócios da Fazenda. A norma definiu o que era a loteria e regulamentou as loterias federais e estaduais revogando toda a legislação existente sobre loterias considerando-a contraditória e considerando o alastramento dos jogos de azar “altamente nocivo à economia privada e aos bons costumes, incumbindo aos poderes públicos o dever de reprimi-los”. A disposição contra o Jogo do Bicho mereceu quatro parágrafos no artigo 15 do decreto; o jogo foi considerado contravenção inafiançável a abranger: os seus empreendedores ou banqueiros; aqueles que comprassem, vendessem ou distribuíssem bilhete e papeis; e qualquer um que promovesse ou facilitasse direta ou indiretamente o seu curso; penas e multas foram previstas. A venda de bilhetes de loterias estrangeiras em território nacional, também, teve sua proibição e penalidade dispostas no artigo 8º daquele decreto.

⁴⁵ Nome com o qual se designava a maior parte continental da Grécia.

⁴⁶ Consta endereço para o envio de correspondências, à praça Marechal Floriano nº 7, no edifício Odeon, nominais ao Dr. Benjamin Ferreira; em notícia na **Revista da Semana**, de 02/09/1939, ele aparecerá na revista em recepção a representante da Hungria juntamente com Negrão de Lima, então Ministro da Justiça-interino.

tais como a “lues” (ou sífilis), problemas no aparelho digestivo, tuberculose e problemas em glândulas “de secreção interna”. Aconselha, ainda: “Veja um médico capaz de lhe ministrar uma cura psychotherapica e procure no sport o revigoramento do seu physico”. Por fim, apresenta a informação de que na sensação de inferioridade “se baseou Alfred Adler para fundar a sua theoria sobre a origem das psychonevroses”.

Na edição de 31 de dezembro de 1932, há os sonhos de uma amiga da mulher identificada “Laura (Bahia)”, que faz a consulta, dos quais “ela [a amiga] se levanta e diz aos gritos que está sendo agredida, forçada, mutilada”. Aqui, uma descrição das manifestações é apresentada aos leitores e a portadora de tais manifestações é referida por “paciente”. Benjamin Ferreira explica que

(...) um factor essencial da formação do sonho é uma vontade inconsciente (...) um desejo infantil recalcado que consegue exprimir-se durante o somno (...) uma modalidade de realização de desejos que porventura nem mais são conscientes, recalcados que foram por serem ou parecerem irrealizáveis, inconvenientes, anti-sociaes.

Junto a isso, Benjamin Ferreira expõe ao público leitor que o trabalho do “medico psycho-analysta” na interpretação do sonho é o de identificar “os pensamentos latentes que o determinam” e continua: “além dos pesadelos e outros elementos da neurose terá o médico que fazer indagações sobre o ambiente em que se desenvolveu e vive a sua amiguinha”.

1933

No rastro da Primeira Guerra, “A vingança dos judeus” é o título do texto de 1º de julho de 1933 na **Revista da Semana**, que traz retratos, feitos e referências às teorias de judeus célebres: Einsten, Henri Heine, Karl Marx, Max Nordau, Henri Bergson, Trotsky e Freud. Nessa mesma edição, no conto de Saul de Navarro, “O sorriso do passado”, há uma referência breve a Freud associando-o ao jazz. Já o jazz era a “calamidade consequente da grande guerra”, escreveu Navarro. Outros ritmos novos, como o maxixe, o fox-trot, o tango e o samba eram vistos e propalados como novidades quase insanas, também, n’**O Cruzeiro**; fosse pelos ritmos quebrados, fosse pela junção dos corpos ao dançar (URSINI, 2000).

Outra história: um homem convida o amigo para conhecer sua noiva. Se encontram e o casal leva o irmão pequeno dela. Seguem diálogos acerca de não se sair sozinhos para que os outros não falem mal, não entrar em café fechado porque não seria decente para a noiva e o narrador — que é o convidado — descreve a noiva do amigo uma estúpida. É essa personagem quem puxará o assunto da Psicanálise e falará de Freud durante o encontro no conto intitulado “A noiva”, de Enrique Jardiel Poncela⁴⁷, publicado na **Revista da Semana** em 22 de julho de 1933.

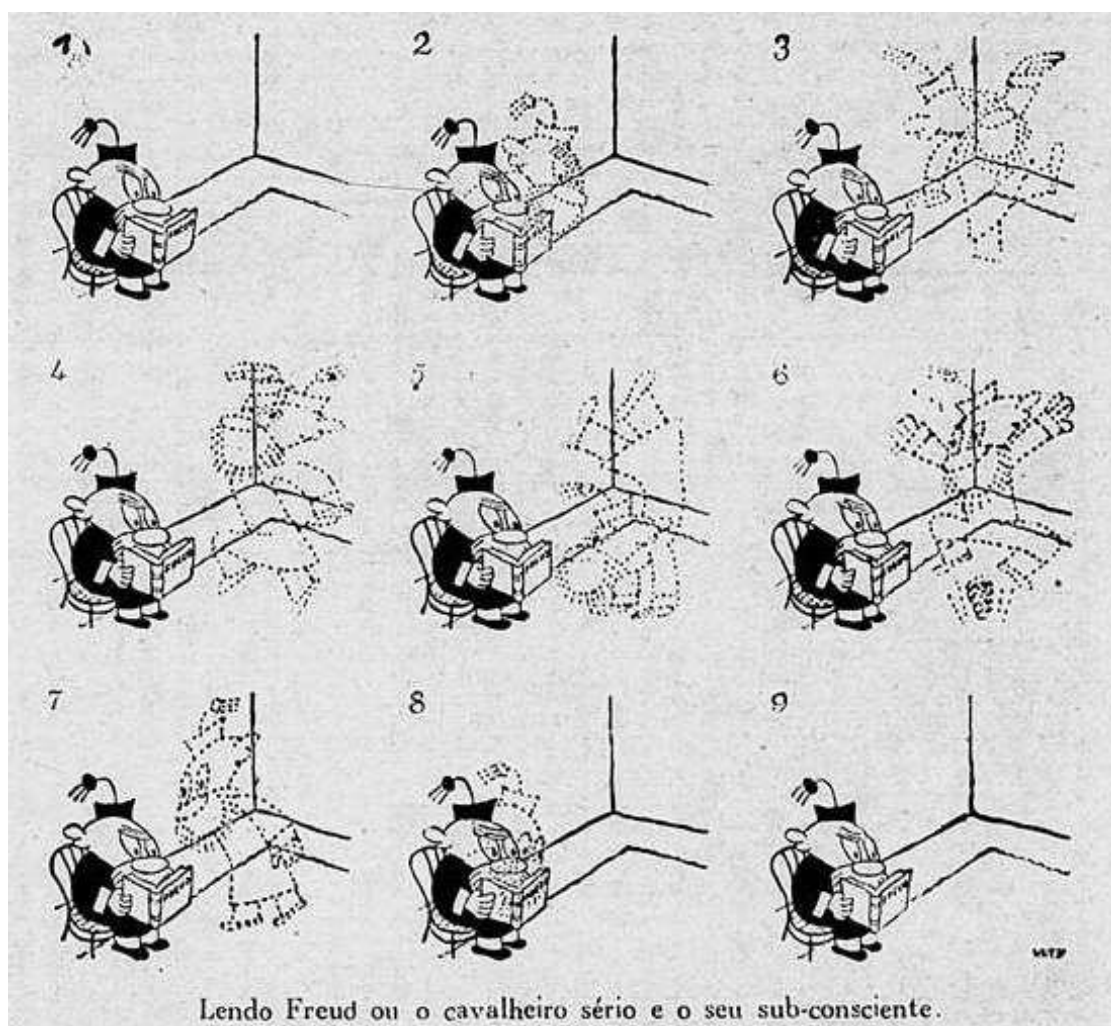
Escragnolle Doria (1869-1948)⁴⁸, em “Bom Retiro Estudante”, publicado em 12 de agosto de 1933, conta a história do Conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz (1818-1886)⁴⁹ e seus estudos em Direito, tendo entre os mestres Cabral, “o excêntrico”, descrito como “o mattogrosense de tantos talentos quanto excentricidades que se adiantaram á moderna psychanalise”. Se no conto anterior a Psicanálise é apresentada ao leitor pela personagem “estúpida”, agora, com um personagem real, a Psicanálise é da ordem das excentricidades.

⁴⁷ Enrique Jardiel Poncela (1901-1952) escritor espanhol com diversas obras humorísticas (IBACACHE, 2016).

⁴⁸ O Arquivo Nacional é depositário do acervo doado pela viúva, Doria foi escritor, professor de História. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais (1890), colaborou com vários jornais.

⁴⁹ Foi Presidente das Províncias do Espírito Santo e do Rio de Janeiro e Ministro dos Negócios do Império.

1934



Note-se que o Inconsciente, de Freud, leva o nome de Subconsciente, de Pierre Janet (**Revista da Semana**, 02/06/1934)

A literatura teria cumprido o seu papel imaginativo diante da impossibilidade de se definir a vida, escreveu De Mattos Pinto na **Revista da Semana**, sob o título “A descoberta do século XX” em 24 de novembro de 1934. Com as novas descobertas de Freud, quem “revelou a riqueza do inconsciente, com a psychanalyse”; as descobertas de Pende, na endocrinologia; e de Einstein, com a teoria da relatividade, diz De Mattos Pinto que a literatura é “assaltada por violentas idéas, que alteraram o sentido do homem e do mundo”, o que chamou de “crise”: “a literatura não sabe como aplicar na poesia e no romance o novo pensamento das cousas”. A descoberta da humanidade é a de começar a “ter consciencia do seu destino”. Por vezes, e não são raras nas publicações tanto na **Revista da Semana** quanto n’**O Cruzeiro**, os nomes de cientistas são associados muito livremente uns aos outros e Freud surge em meio a eles.

Vale observar a menção a Nicola Pende colocado em linha ombreada a Freud e a Einstein naquele texto na **Revista da Semana**. Nicola Pende, a partir da Biologia Criminal, leva à investigação da delinquência nata na associação do genótipo e do fenótipo em uma metodologia que percorre quatro itens, proposta em 1921, como descreve Elaine Maria Geraldo dos Santos (2008) sobre o neolombrosianismo na década de 1930. São os itens: a morfologia — a massa corporal, as proporções, a genital, o sistema respiratório e outros eram examinados e medidos segundo padrões

estabelecidos para o biotipo racial; a dinâmica humoral — fórmula endócrina e grupo sanguíneo com o fim de ser mensurado quanto tempo o sujeito levaria para manifestar irritabilidade; a intelectividade — considerada o espírito dos indivíduos pelos criminalistas, tinha em conta: os pensamentos sintético e analítico, a capacidade de atenção, a memória, a lógica como manifestações de inteligência; e, por fim, a moral — herança moral e patológica, o desenvolvimento ético por meio dos instintos, senso crítico e outros tópicos influenciados pela Psicanálise de Freud para relacionar as manifestações dos indivíduos em sociedade (SANTOS, 2008, p. 48).

Com o título “A melancolia do poeta”, na **Revista da Semana** de 29 de dezembro de 1934, Orvacio Santamaria⁵⁰ conta de Charles Baudelaire (1821-1867) que, por dois anos, “entregou-se em Paris á mais perniciosa ociosidade” dispendendo seu tempo “em orgias, em mesas de tabernas, com mulheres perdidas e bebedores inveterados”. Interpreta Santamaria que “esse lapso vazio da sua vida, como é de prever, teve muita influencia desastrada no seu futuro”. Enviado ao Oriente para missões comerciais por seu padraço, cujo intuito teria sido o de “arrancá-lo áquella vida inutil”, Baudelaire teria emendado, nas terras estrangeiras, o seu estilo boêmio e aceitado aquela viagem tão somente para conhecer as terras distantes do Oriente, os seus “hábitos bizarros” e “as suas mulheres extravagantes”. A haitiana Jeanne Duval acompanhou Baudelaire no retorno a Paris, escreveu Santamaria: “recolheu para a sua companhia uma negra (...). A preta Duval e o haschich, somados á sua hereditariedade [aponta doenças de idade do pai e a diferença de idade com a mãe, que poderia “ser neta do esposo”], (...) e mais a imensa desorientação da sua infância (...), falta de observação dos pais e dos mestres” e, somado a isso, o que “de ruim se accumulara no seu inconsciente, completaram-lhe a defeituosa formação moral e intelectual”.

1935

Em “Chiromancia por sport...”, publicado em 26 de janeiro de 1935, Magdala da Gama Oliveira (1908-1978) explica o que um ou uma quiromante precisa fazer e escreveu: “assim como devemos fazer uso da psychologia e da psychanalyse, sem esquecermos a physiomomia e a graphologia”, a quiromancia seria um “escudo”, escreveu, “para que melhor possamos nos precaver contra certos seres que de nós se approximam (...)”. No rol de advinhações, estão a grafologia e a fisionomia como meios de se entrever personalidades e disposições ao cometimento de crimes. Magdala era uma mulher de elite, branca e assinava uma coluna de crítica musical no **Diário Carioca**⁵¹, na década de 1930⁵². Suas impressões sobre o samba eram terríveis, como anotaram **Linaia Palacio e Laura Galli**: “músicas tolas” com “gente do morro” e outros comentários lhe renderam o samba “Pra quê discutir com Madame” em 1945 (PALACIO & GALLI, 2021).

Na mesma página em que está publicado o texto sobre a quiromancia, há uma fotografia da Fazenda Victória, em Botucatu (SP), acompanhada somente da legenda, com o título “Nossa Terra”, como se a fotografia e a legenda curta falassem por si, dada a importância daquela fazenda para a cafeicultura paulista. A fazenda pertenceu, pelo menos até 1995, aos herdeiros do Conde de Serra Negra⁵³. Conforme Antunes, a Fazenda Victória ou Serra Negra, próxima à ferrovia Sorocabana, era a primeira parada da mão de obra imigrante, para os colonos serem distribuídos dali a outras fazendas (ANTUNES, 2021, p. 79). A época da fotografia publicada na **Revista da Semana** é a

⁵⁰ Santamaria era escritor, publicou **Cesar: Vida de Caio Julio Cesar**, em 1939, Rio de Janeiro, editora Irmãos Pongetti.

⁵¹ Editado entre 1930 e 1939.

⁵² No final da década de 1920, Magdala da Gama Oliveira é anotada no jornal **A manhã** (1925-1953) em coro, como violinista, executando marchas nupciais em casamento e, também, como organizadora de salões literários, musicais e festas no Departamento Feminino do Fluminense Futebol Club.

⁵³ Vide Decreto nº 40.303, de 8 de setembro de 1995.

da importância daquela fazenda e, e como ficará evidente mais tarde na história, é o período do declínio da cultura cafeeira no Brasil.

Racismo e lombrosianismo vão sendo misturados à convicção de que se é possível “desentortar” o talo desde o começo, em uma confusão entre o que fosse moldável, inato, ou o que fosse nato e, sobretudo, um evento que fizesse aflorar a índole, o instinto nos Sujeitos adultos. Para isso, com a inspiração na Psicanálise, buscam pela infância:

Os pequenos “doentes moraes” existem muito mais do que se pensa. Mesmo nas famílias muito normaes, póde-se encontrar algum. Accidente de raça, porque toda a ascendencia tem sua parte de segmentos bons ou máus. Ou accidente occasional: queda, doença, choque. É preciso tão pouco para desequilibrar um jovem ente, e desvial-o no moral como no physico! (“Conselhos sociaes”; sem autoria indicada; Revista da Semana, 08/06/1935)

A responsabilidade da observância moral de um indivíduo disponibilizado ao convívio social, ao final das contas, racai sobre a família e nesta, sobre as mães. Em 8 de junho de 1935, na seção “Jornal das Famílias: modas, costuras e bordados - a vida no lar - receitas e conselhos práticos – economia doméstica e alimentação”, a coluna “Conselhos sociaes”, após alertar a iminência dos “desvios”, como indicados acima, os pais são convidados a tomarem providências. Pais que não sabem como agir, “aquelles que não sabem nem prever nem ver, para aquelles que acham tudo de bom nos seus filhos ou para aquelles que só vêem tudo máus”, aqueles que “viam innocentes manias, saberão o que fazer: o médico psychiatra”. A Psicanálise aparece como coadjuvante do tratamento psiquiátrico nesse texto na **Revista da Semana**.

1936

O pseudônimo masculino, George Sand, servia para a aceitação da escritora francesa Aurore Dupin (1804-1876) no meio literário na França do século XIX. O texto publicado na **Revista da Semana**. Em 22 de fevereiro de 1936, não leva assinatura e aborda a imaginação da escritora em suas obras, lugar onde não havia repressão. A sua história pessoal, descrita na revista, é pontuada por vários amantes, dentre os quais Chopin. A palavra Psicanálise aparece somente no título: “As mulheres celebres num traço de Psychanalyse” e no texto são imaginados desejos, vontades, angústias, sentimentos de culpa, conflitos para Sand que revelariam “os motivos profundos e occultos de que os estudiosos no assumpto devem prevalecer-se para esclarecer a tragédia amorosa dessa mulher inesquecível”. É traçado um “perfil psychologico” de George Sand e o seu livro **Memorias** é mencionado indicando que nele o leitor encontraria, diz o texto, em “imagens litterarias” as “reminiscencias recalcadas” que afloram disfarçadas”; tudo em uma certa justaposição indesejável entre autora e obra. Embora o texto não trate da Psicanálise, ele percorre seu vocabulário e vai anexando sentidos e juízo de valores a circunstâncias da vida de Sand.

Ainda sobre George Sand, outro texto, há um comentário de Saul de Navarro na **Revista da Semana**, em 4 de outubro de 1930, em “O romantismo dos cabellos longos...”, Nele, George Sand é apontada como uma das primeiras a usar os cabelos curtos e a explicação é a de que, tendo ela poucos recursos, o que “não a deixavam exhibir as toilettes necessarias á sua posição de mulher elegante”, adotou trajes masculinos e não podia, por isso, deixar os cabelos além dos ombros. É dito, ainda, que os cabelos curtos lhe renderam “brigas violentas com Jules Sandeau, o seu comanheiro de momento”. Temos, assim, uma associação em cadeia entre a vida com amantes, os cabelos curtos e os trajes masculinos. No que fosse possível identificar tais escolhas como libertárias para a mulher do século XIX — como Sand, e mesmo para as mulheres do século XX contemporâneas à revista —, no texto está indicado não se tratar de escolhas, mas da falta de opções diante de recursos financeiros limitados... reafirmando, por negação, uma única imagem de mulher em detrimento de outras.

1937

Os conhecimentos de grafologia de Raphael Schermann (1879-1945)⁵⁴ e a sua utilização nas investigações policiais é o assunto do texto publicado na **Revista da Semana**, em 18 de setembro de 1937, com o título “Servindo á Medicina”. Os “phenomenos sobrenaturaes” provocam curiosidade, diz o texto, e “Freud, o demonio viennense, descobriu nos sonhos, nas dobras da psychanalyse, universos ignorados”. Naquele momento, Paris voltaria a sua atenção para Schermann nas investigações criminais, segundo o texto que, conforme dali se depreende, compara a interpretação dos sonhos à interpretação das caligrafias: “A psychographia de Schermann pode prestar serviços interessantes ainda entre as creanças”, diz o texto.

1938

Da Vinci, Freud, Eva e Noé são trazidos juntos no texto conjugado a fotografias de mulheres com animais. O assunto é a “attracção irresistível entre as fêras e as Mulheres” sob o título “A Bella e a Féra”, publicado na **Revista da Semana** em 29 de janeiro de 1938. Um “amor caprichoso” das mulheres por animais de estimação é atribuído ao interesse da Psicologia e da Psicanálise em uma brevíssima menção a ambas as ciências sem quaisquer endereçamentos ao lugar do afeto, por exemplo.

Um quadro cômico, na edição de 9 de abril de 1938, traz uma mulher sentada em uma cadeira diante da mesa do médico: “Doutor, desejava que o senhor interpretasse o meu sonho desta noite. Sonhei que estava sentada entre Clark Gable e Robert Taylor, e que tinha a meus pés o camondongo Mickey”.

Ao longo de uma página e meia da **Revista da Semana**, o conto “Psychanalyse”, de H. J. Magog, um dos pseudônimos do romancista francês Henri-Georges Jeanne (1877-1947), descreve um encontro. Em uma festa, a moça pergunta se o rapaz continua com o seus “grandes estudos” e envolvido em “essa sciencia... ou essa mystificação (...) essa psychanalyse”. O rapaz foi à tal festa esperando encontrar a moça, por quem é apaixonado e que, antes, havia oferecido uma consulta à moça que recusara na ocasião, mas que, agora na festa, aceitava: “Villemandre conduziu a linda creatura até a uma poltrona, a bôa distância do bar: — Conte-me o seu último sonho”. O diagnóstico é apresentado de pronto, ali mesmo na festa: “neurasthenia que leva as suas victimas, sorrateiramente, á loucura. Deixe-se amar. Ame!”. Diante das insinuações do rapaz de que esse amor seria ele próprio, a moça corta-o, saindo e deixando-o sozinho.

1939

“A morte do creador da psychanalyse” é o título da notícia em meia coluna na **Revista da Semana** na edição de 30 de setembro de 1939, sete dias após o falecimento de Freud (1856-1939). “O sábio Sigmund Freud, chamado ‘o propheta do sub-consciente’, fundador de uma escola scientifica que encontrou alumnos em todo o mundio civilizado, acaba de fallecer aos oitenta e quatro annos de idade”: assim é o obituário de Freud na revista. Freud é comparado a Marie Curie, Nobel em química em 1911, cujas investigações científicas, afirma o texto, não se encerram com as suas mortes. A Anna Freud e aos discípulos de Freud é endereçada a continuidade das suas inverstigações; entre os disípuos de Freud, diz o texto, estariam “os mais apaixonados” que “vêm na psychanalyse a sciencia que encerra a ‘explicação total do mundo””.

A notícia da morte de Freud não teve relevo na **Revista da Semana** e apareceu em uma coluna estreita dividindo o espaço com a fotografia da escultura “Mulher ajoelhada”, de Celso Antonio, exibida na Feira de Nova Iorque. Na composição da página, o título grande é outro assunto: “O passarinho da felicidade”, uma crônica de Saul de Navarro sobre o realejo e os papelotes da sorte.

⁵⁴ Da Cracóvia, viveu em Viena a partir de 1910..

4 Abordagens e usos da Psicanálise n’O Cruzeiro e na Revista da Semana

Podemos identificar a Psicanálise sendo trazida nas páginas d’**O Cruzeiro** e da **Revista da Semana** sob cinco situações:

- em anúncios de livros e de consultórios para o atendimento;
- em menções fortuitas e rápidas (piadas, gracejos ou mesmo uma menção inusitada, sem muita conexão com o assunto);
- em contos, cujos diálogos falam da Psicanálise, abordam o seu método por vezes de formas bastante improvisadas com o foco na dinâmica dos personagens do conto e não nos critérios e teoria da Psicanálise à época;
- em reportagens, que são poucas e a maior parte dos textos não trazem assuntos datados e não são notícias; e
- em crônicas sobre quaisquer assuntos que são o apanágio dos escritores, geralmente renomados e já colaboradores de outros periódicos e diários, portanto, conhecidos do público leitor.

Os assuntos abordados em ambas as revistas podiam vir seguidos do complemento: “à luz das conquistas experimentais de Freud”, “de acordo com as teorias de Freud” ou “nos domínios de Freud”. Ainda, com se viu, a Psicanálise podia estar indicada apenas no título, como se vestisse todo um conteúdo sobre algum assunto seguinte. Em conjunto com a menção à “psychanalyse” ou em lugar disso, em várias ocasiões o vocabulário da Psicanálise foi escrito nos textos nas revistas: libido, recalque, transferência, angústia, pulsão e instinto foram os termos mais frequentes.

A impressão que se tem é que qualquer menção à Psicanálise, ao seu vocabulário, a Freud e aos seus discípulos ou antagonistas acabavam por trazer algo tido como novo às revistas e, também, fazia as vezes da “atualização” dos escritores e dos conteúdos que eles apresentavam, como se estivessem ou parecessem estar *pari passu* com as novidades da época. Assim, o escritor que sempre abordasse a literatura, por exemplo, lia Baudelaire e Goethe — suas obras ou vidas particulares — sob as lentes da Psicanálise; o mesmo se passando com o assunto do cinema e as vidas de estrelas e astros. Nisso, emitiam opiniões acerca da Psicanálise e aliavam a Psicanálise aos temas e às suas próprias visões acerca da raça, das relações de gênero, da moral, da religiosidade, dos costumes e assim por diante.

Os autores dos textos nas revistas se debatiam com a novidade da Psicanálise. A Psicanálise era vista como uma “moda” na edição de 24 de setembro de 1924, da revista mensal **America Brasileira**⁵⁵. E a novidade que trazia, o Inconsciente, era apontada como já existindo antes do alemão Freud desde o psicólogo e psiquiatra francês Pierre Janet (1859-1947)⁵⁶ como “subconsciente”. Menotti Del Picchia, também, menciona que Freud é uma moda e que o instinto, para Del Picchia, seria a própria verdade humana, na edição d’**O Cruzeiro** de 20 de abril de 1929, acima comentada no episódio da homenagem dos Modernistas ao palhaço Piolim. Saul de Navarro, na **Revista da Semana** em 29 de julho de 1933, escreveu que “a psicologia já passou de moda. Bourget⁵⁷ não interessa mais. E o próprio Bergson⁵⁸ foi desbancado por Freud”.

⁵⁵ Editada no Rio de Janeiro entre 1922 e 1924, provavelmente surgida em dezembro de 1921 (acervo da hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

⁵⁶ No caso de Janet, a abordagem se fazia como subconsciente (LAPLANCHE & PONTIALIS, 1991, p. 494).

⁵⁷ Paul Bourget (1852-1935), francês, autor de romances psicológicos.

⁵⁸ Provavelmente Henri Bergson (1859-1941), filósofo francês, Nobel de Literatura em 1927.

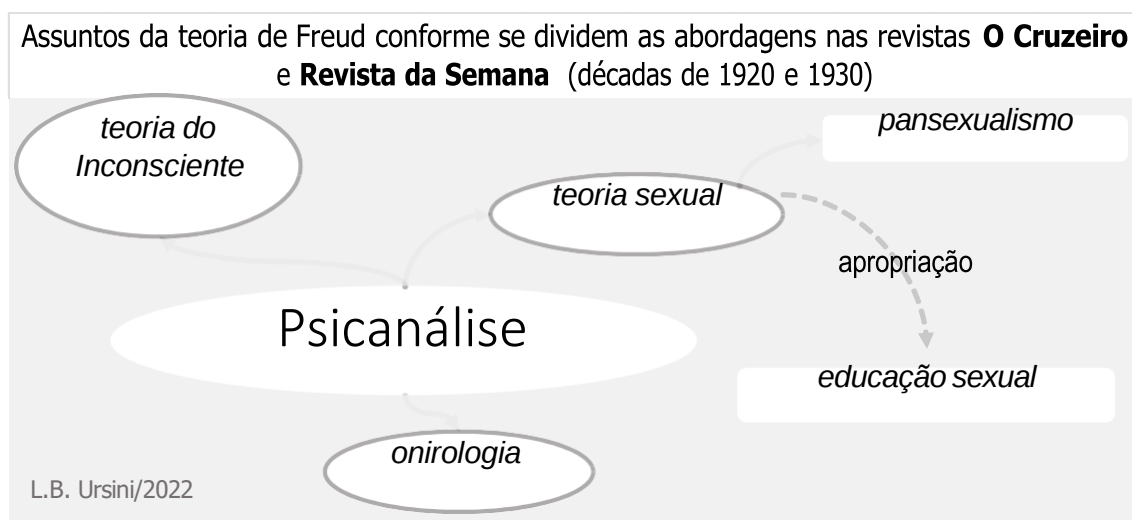
Antes, na mesma revista em 19 março de 1932, Navarro disse que a literatura e a Filosofia já haviam decifrado os sonhos e a “esphinge sexual” anteriormente a Freud.

Ainda, há a onda dos romances freudianos, em uma espécie de denúncia anônima, como trancrevi nos trechos da revista **O Cruzeiro**, na edição de 7 de junho de 1930, de que os romancista encontraram um filão na observação clínica e quem ganharia mais com aquela “voga avassaladora” seriam os editores. Uma crítica é feita, naquele texto, quanto à falta de propriedade dos romances freudianos, cujos autores digeririam manuais de psiquiatria e de Psicanálise produzindo resultados que fariam os médicos rir. Rafael Dias de Castro nos oferece um exemplo de como as aproximações da Psicanálise por parte de alguns escritores das revistas se podem ter dado: fala de Carlos Dias Fernandes (1874-1942), intelectual que teria contato com a Psicanálise a partir das palestras de Antônio Austregésilo, quem havia sido orientador de Genserico de Souza Pinto, na primeira dissertação em Psicanálise no Brasil em 1914. Dias Fernandes quis abordar a Psicanálise no jornal **O Paiz**, o que foi publicado em 5 de dezembro de 1925, e recorreu a Austregésilo, quem lhe ofereceu um texto base com a autorização da sua utilização (CASTRO, 2015, p. 74). Ao abrir aquela edição d’**O Paiz**, nos deparamos com o título “A psychanalyse, Explicação dos sonhos. De Breuer a Freud. ‘As forças curativas do espírito’, do professor Austregesilo”.

Temos que as revistas **O Cruzeiro** e **Revista da Semana** não inauguram o assunto da Psicanálise na imprensa, mas o seu público, diferentemente dos jornais, era a família; o que pode ter enviesado as conexões feitas com a Psicanálise a partir dos assuntos na linha editorial já existente para aquelas revistas: cinema, relacionamentos amorosos, seção de cartas e consultas diversas e outras. Além do perfil dos escritores, vários deles conhecidos do público já de outros impressos diários e periódicos. Uma diferença entre **O Cruzeiro** e a **Revista da Semana** é que esta última explorou bastante, quase como uma campanha, os cuidados com a índole e a moral dos adultos falando da necessidade de cuidar, formatar, as ciranças, os filhos. Ideário alinhado a políticas de “civilização” e de modernização do Brasil, ou, quem saberia?, o contrário: atuando na divulgação de tais políticas.

5 Considerações finais

Podemos ter a Psicanálise abordada sob três grande tópicos nas revistas **O Cruzeiro** e **Revista da Semana**, como segue no esquema na figura abaixo.



Os sonhos e as suas interpretações são uma porta de entrada nas revistas para partir deles e querer aproximar a Psicanálise da criminologia, da quiromancia, da grafologia e de uma sorte de adivinhações, se afastando em muito da Psicanálise. Ao mesmo tempo, é aponta uma ciência que se ocupa seriamente dos sonhos.

O Inconsciente aparece invariavelmente como um lugar para a observação da mente humana, embora tenha uma ou outra crítica de literatos que dizem terem-no já acessado tanto a literatura como a Filosofia; sem a devida ressalva da distinção entre a ficção e a vida psíquica de indivíduos. Na constatação de que o Inconsciente é passível de análise, que há doenças em que a via da investigação do Inconsciente é legítima, os textos endereçam tais esforços científicos ora para a Medicina, ora para a Psiquiatria, ora para a Psicanálise, ora para a Psicologia; por vezes marcadas as vertentes francesa e alemã, na mais da vez ignoradas.

O assunto da vida sexual foi atrelado a uma função social, aos projetos já enunciados por Porto Carrero para a educação sexual nas escolas, em presídios. Há a apropriação do tema sexo e da sexualidade para uma higienização moral que permitiria o desenvolvimento da nação. O pansexualismo mereceu um texto em **O Cruzeiro**, em 14 de janeiro de 1933, para diferenciar o viés francês de Hesnard na crítica feita por ele a Freud.

Diversas áreas, setores e atores se avizinharam da Psicanálise no período abordado pelo presente artigo, entre as décadas de 1920 e de 1930: a literatura, artistas e escritores do Movimento Modernista, os projetos de educação sexual, a ideologia da eugenia se enlaçaram com as teorias e proposições psicanalíticas para desenvolver as próprias reflexões ou projetos⁵⁹. Um aspecto na difusão da Psicanálise, observado por Ana Cristina Figueiredo (FIGUEIREDO, 1984), é o risco da descaracterização da Psicanálise e, também, o seu uso em projetos políticos; na sequência do movimento de difusão, segundo a autora, acaba ocorrendo alguma disseminação da Psicanálise ao mesmo tempo em que os critérios quanto à aplicação, quanto a quem pode ou não praticar a Psicanálise acabam sofrendo um recrudescimento em restrições. Ana Figueiredo trata do assunto percorrendo as décadas de 1960, 1970 e 1980, investigando a Psicanálise e o seu campo no Rio de Janeiro. Mas podemos observar uma mesma dinâmica, em termos das imprecisões das bordas do campo da Psicanálise naquele período de constituição do campo da Psicanálise no Brasil, nas experimentações das técnicas, na sua aplicação e nos seus avizinhamentos⁶⁰.

⁵⁹ No Movimento Modernista sob interpretações da Psicanálise, Mário de Andrade escreveu “Pauliceia desvairada” em 1922; mais tarde, em 1950, Oswald de Andrade tece críticas quanto aos valores morais impregnes na obra de Freud; na educação nas escolas, Porto Carrero entende, entre 1927 e 1928, que é urgente proceder à educação sexual de crianças e diz ser um “pecado” o mestre e o médico não se aproximarem da Psicanálise e ignorarem-na (OLIVEIRA, 2002, pp. 134,141,150); a eugenia teve lugar em toda a América Latina no período entre as duas grandes guerras, como afirma Nancy Leys Stepan — associada a congressos, à legislação, à saúde materna, ao direito de família, ao controle de doenças “infectológicas” e à imigração (STEPAN, 2004, p. 33).

⁶⁰ Quanto a medidas higienistas que, também, vão alcançar discursos de higienização moral, étnica, eugênica e de costumes. Porto Carrero, um dos precursores da Psicanálise no Brasil, era membro da Comissão Central Brasileira de Eugenia, criada por Renato Kehl em 1931, “cuja tarefa era promover a eugenia e fazer lobby pela legislação eugênica entre os membros da Assembleia Constituinte” que prepararia a nova Constituição Federal (STEPAN, 2004, pp. 372-373). “Roquette-Pinto e Kehl foram convidados para integrar uma comissão especial organizada dentro do Ministério do Trabalho para consultoria sobre eugenia e problemas de imigração”. Roquette-Pinto havia sido diretor do Museu Nacional de Antropologia, entre 1926 e 1936; foi o presidente do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, em 1929 e suas opiniões, certamente, devem ter tido grande peso por sua posição, observou Stepan (STEPAN, 2004, pp. 362,373). Cabe anotar que Kehl percebeu a confusão entre eugenia e saneamento feita pelo público, o que o frustrou em fins da década de 1920 e início da seguinte (STEPAN, 2004, p. 365). Mais tarde, explicou ele, que a aliança com os sanitaristas favorecera a campanha eugênica no seu início, nos

Atente-se que a difusão da Psicanálise no seu campo de constituição, formação, prática, difusão e divulgação, não se confunde com a divulgação da Psicanálise nas revistas. O que as revistas fizeram, e como vimos não apenas **O Cruzeiro** e a **Revista da Semana**, foi divulgar o assunto da Psicanálise e familiarizar o leitor ao seu vocabulário, ao nome de Freud, dos seus seguidores e antagonistas e, com sorte, retirar de algum leitor ou leitora alguma resistência ao assunto. O vocabulário técnico, o método por vezes descrito com seriedade podem ter logrado, aos olhos do leitor, a confiança no novo conhecimento. Esse é um aspecto interessante da Psicanálise nas páginas das revistas. Outro aspecto interessante é que outros atores, independentemente de serem médicos, puderam falar de Psicanálise ou tiveram uma ideia sobre ela e também uma opinião, de que podemos discordar. Outro aspecto é o da Psicanálise aparecer desvinculada do tratamento de loucos, apesar de que a fórmula não fosse muito melhor, pois se pretendeu o auxílio da Psicanálise para “curar” ou se “evitar” alguma patologia social conectada à eugenia, à hereditariedade, a doenças infecciosas, à pobreza.

Além do risco das apropriações da Psicanálise a projetos de governos e a utilização do assunto da Psicanálise para as *performances* de escritores em suas carreiras particulares, há a questão das conexões que são feitas nos textos que mesclam as teorias, o vocabulário da Psicanálise aos pré juízos dos próprios escritores nas revistas que podem ter reforçado ou revitalizado preconceitos e convicções nos leitores. Também, os higienistas e os psiquiatras pretenderam encampar a Psicanálise sob os seus próprios propósitos e discursos. Foram diversos setores hábeis em enviar e esgarçar os sentidos da Psicanálise naquele período e menos tinta foi gasta nas revistas para o sofrimento e para as angústias humana. De qualquer maneira, tais turbulências podem ter servido como balizadores para o percurso da Psicanálise no Brasil.

Obras Citadas

- ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS, 2022. *Patronos acadêmicos*. [Online] Available at: https://www.ael.org.br/patronos_e_academicos/cadeira_04.html
- ALTHUSSER, L., 1985. *Freud e Lacan - Marx e Freud: introdução crítica-histórica*. Rio de Janeiro: Graal.
- ANTUNES, B. L., 2021. *A agroindústria cafeeira de Botucatu-SP: análise heurística da Fazenda Serra Negra*. Bauru: (Dissertação) UNESP.
- BIBLIOTECA VIRTUAL DE PSICOLOGIA - BRASIL, s.d. São Paulo: Conselho Federal de Psicologia/Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo-USP/ReBAP.
- BONADIO, M. C. & GUIMARÃES, M. E. A., 2010. Alceu Penna e a construção de um estilo Brasileiro: modas e figurinos. *Horizontes Antropológicos*, Volume 16. N. 33.
- BOTMANN, D., 2013. Curiosidades freudianas (1931-1969). *Belas infieis*, Volume 2. N. 2, pp. 159-173.
- BRESSER-PEREIRA, L. c., 2001. Do Estado patrimonial ao gerencial. Em: *Brasil: um século de transformações*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CAMARGO, A. R., 2011. O amparo ao teatro durante o governo Vargas: uma discussão sobre a concessão de subvenções (1930-1945). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011*.
- CARRARA, S., 1996. *Tributo a vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

conta Stepan, em uma época em que “o conhecimento público sobre eugenia e hereditariedade era pequeno, e para ele próprio não estava muito clara a distinção entre saneamento e eugenia”. Depois disso, partiu para provocações aos sanitaristas, por uma via racista, afirmando que reforma higiênica alguma seria capaz de “alterar o estoque hereditário do Brasil” (*ibidem*).

- CASADEI, E. B., 1980. Questões de consumo e a feminização da Revista da Semana. *Z Cultural – Revista do programa avançado de cultura contemporânea*.
- CASTRO, R. D., 2015. Correspondência de Julio Porto-Carrero a Arthur Ramos: a Sociedade Brasileira de Psicanálise e a preocupação com a tradução dos termos psicanalíticos, décadas de 1920 e 1930. *História, Ciência, Saúde-Manguinhos*, Volume 22. N. 4.
- CORRÊA, M., 2000. Cartas Freudianas. *Comciência - Revista eletrônica de jornalismo científico. Dossiê: A Interpretação dos Sonhos-100 anos*.
- COUTO, D. P. & SILVA, M. L., 2018. A Psicanálise de crianças no Brasil: um relato histórico. *Psicologia em pesquisa*, Volume 12. N. 3.
- COUTO, I. S. d., 1992. As cartas de Iracema. Em: *A Crônica*. s.l.:s.n.
- CROMBERG, R. U., 2010. Primeiras psicanalistas. *Percurso*, Volume 45 - Psicanálise: formação e instituições.
- DACORSO, S. T. d. M. e. & NOGUEIRA, N. H., 2011. Paulo Menotti Del Picchia: sob um soslaio da psicanálise. *Estudos de Psicanálise*, Volume 35.
- FIGUEIREDO, A. C., 2008. Psicanálise e universidade: reflexões sobre uma conjunção ainda possível. *Fractal Revista de Psicologia*, Volume 20. N. 1.
- FIGUEIREDO, A. C. C. d., 1984. *Estratégias de difusão do Movimento Psicanalítico no Rio de Janeiro, 1970-1983*. Rio de Janeiro: PUC-RIO/Departamento de Psicologia (Dissertação).
- FIOCRUZ, 2019. Em 23 de fevereiro de 1942, Stefan Zweig e esposa cometiam suicídio em Petrópolis. *Manguinhos: história, ciências, saúde*, fevereiro.
- FREUD, S., [1914] 1965. *Contribution à l'histoire du mouvement psychanalytique*. Paris: Éditions Payot.
- GOFFMAN, E., 1974 [1961]. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva.
- GUERINI, L. R. & COSTA, M. J. d. A., 2019. A história e o resto: oscilações clínico-políticas da psicanálise e sua chegada no Brasil. *Mnemosine*, Volume 15. n. 2.
- IBACACHE, T. I. V., 2016. Oliverio Gironde Y Enrique Jardiel Poncela: un diálogo entre humor y decadencia. *Episteme*, Volume N. 6, pp. 37-46.
- ITAÚ, 2015. Carlos Chamberland. Em: *Enciclopédia Itaú Cultural*. São Paulo: Itaú Cultural.
- ITAÚ, 2021. Renato Viana. Em: *Enciclopédia Itaú Cultural [online]*. São Paulo: Itaú Cultural.
- ITAÚ, 2022. Max Cesarino Yantok. Em: *Enciclopédia Itaú Cultural [online]*. São Paulo: Itaú Cultural.
- JACOBINA, R. R., 2014. Nem clima nem raça: a visão médico-social do acadêmico Juliano Moreira sobre a sífilis maligna precoce. *Revista Baiana de Saúde Pública*, Volume 38. N. 2.
- JUNQUEIRA FILHO, L. C. U., 2000. A Psicanálise no Brasil. *Comciência - Revista eletrônica de jornalismo científico. Dossiê: A Interpretação dos Sonhos-100 anos*.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B., 1991. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- LIRA, J. T. C. d., 2007. Gregori Warchavchik, 1917-1927. *Novos estudos*, Volume 78, pp. 145-167.
- MARFINATI, A. C. & ABRÃO, J. L. F., 2021. *Autismos e psicanálise brasileira - práticas e reflexões*. São Paulo: Appris.
- MENEZES, M. O. d. S., 2014. Arthur Ramos e a psicanálise na Bahia. *Analytica - Revista de Psicanálise*, Volume 3. N. 4.
- MOREIRA, J. d. O., 2004. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. *Psicologia em estudo*, pp. 219-227.
- NARCISO, A. J. d. A., 2016. *A medicina vai à escola: ideias e práticas de saúde nos grupos escolares em Juiz de Fora, Minas Gerais (1906-1929)*. Rio de Janeiro: Fiocruz (Dissertação).
- NOGUEIRA, F. R. C., 2014. 100 anos do primeiro trabalho acadêmico sobre psicanálise no Brasil – a dissertação de Genserico. *Analytica*, Volume 3. N. 4.

- OLIVEIRA, C. L. M. V. d., 2002. Os primeiros tempos da psicanálise no Brasil e as teses pansexualistas na educação. *Ágora*, Volume 5. N. 1.
- PALACIO, L. d. V. & GALLI, L. S., 2021. “Músicas tolas, gente do morro, gente de Copacabana”: uma análise dos escritos de Magdala da Gama Oliveira sobre o carnaval na primeira metade do século XX. *Fazendo Gênero 12 - Seminário Internacional. UFSC-Florianópolis, Brasil*.
- PENJUN, J., 2020. A ceia dos cardeais parodiada por Amador Santelmo. *Revista Alere*, Volume 22. N. 02.
- PLOTKIN, M. B., 2009. Psicoanálisis y 'habitus' nacional: um enfoque comparativo de la recepción del psicoanálisis em Argentina y Brasil (1910-1950). *Memoria y Sociedad*, Volume 13. N. 27.
- PORTO CARRERO, J., [1929] 2002. A contribuição brasileira á psychanalyse (Publicado originalmente nos Anais do III Congresso de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, publicado pela Academia Nacional de Medicina em 1932 e escrito em 1929). *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental - seção Clássicos da psicopatologia*, Volume V. N. 3, pp. 154-157.
- RIBEIRO, F. A., 2021. Saul Navarro, um pioneiro das letras capixabas. *Jornal de Letras (mensal)*, agosto.
- ROUDINESCO, E. & PLON, M., 1998. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- RUSSO, J., 1998. Raça, psiquiatria e medicina-legal. Notas sobre a ‘pre-história’ da Psicanálise no Brasil. *Horizontes Antropológicos*, Volume 4. N. 9.
- SALIM, S. A., 2010. A história da psicanálise no Brasil e em Minas Gerais. *Mental*, Volume 8. N. 14.
- SANTOS, E. M. G. d., 2008. *A face criminoso: o neolombrosianismo no Recife na década de 1930*. Recife: (Dissertação) UFPE.
- SANTOS, R. A. N. & MANDELBAUM, B. P. H., 2019. Karl Weissmann e a psicanálise na Era Vargas: um psicanalista entre a política, a educação e a criminologia. *Memorandum - Memória e história em Psicanálise*, Volume 36.
- SCOTT, G. G., 2007. *American murder. Homicide in the early 20th century*. London: Praeger.
- SODRÉ, N. W., 1999. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad.
- SOUZA, C. C. d., 2006. O jornalismo e a crítica da Semana de 22. *Revista PJ:BR*.
- STEPAN, N. L., 2004. Eugenia no Brasil, 1917-1940. Em: *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.
- URSINI, L. B., 2000. *A revista O Cruzeiro na virada da década de 1930*. Campinas: Unicamp (dissertação).
- VEIGY, C. d. & FRIZOT, M., 2009. *Vu: the story of a magazine*. London: Thames & Hudson.